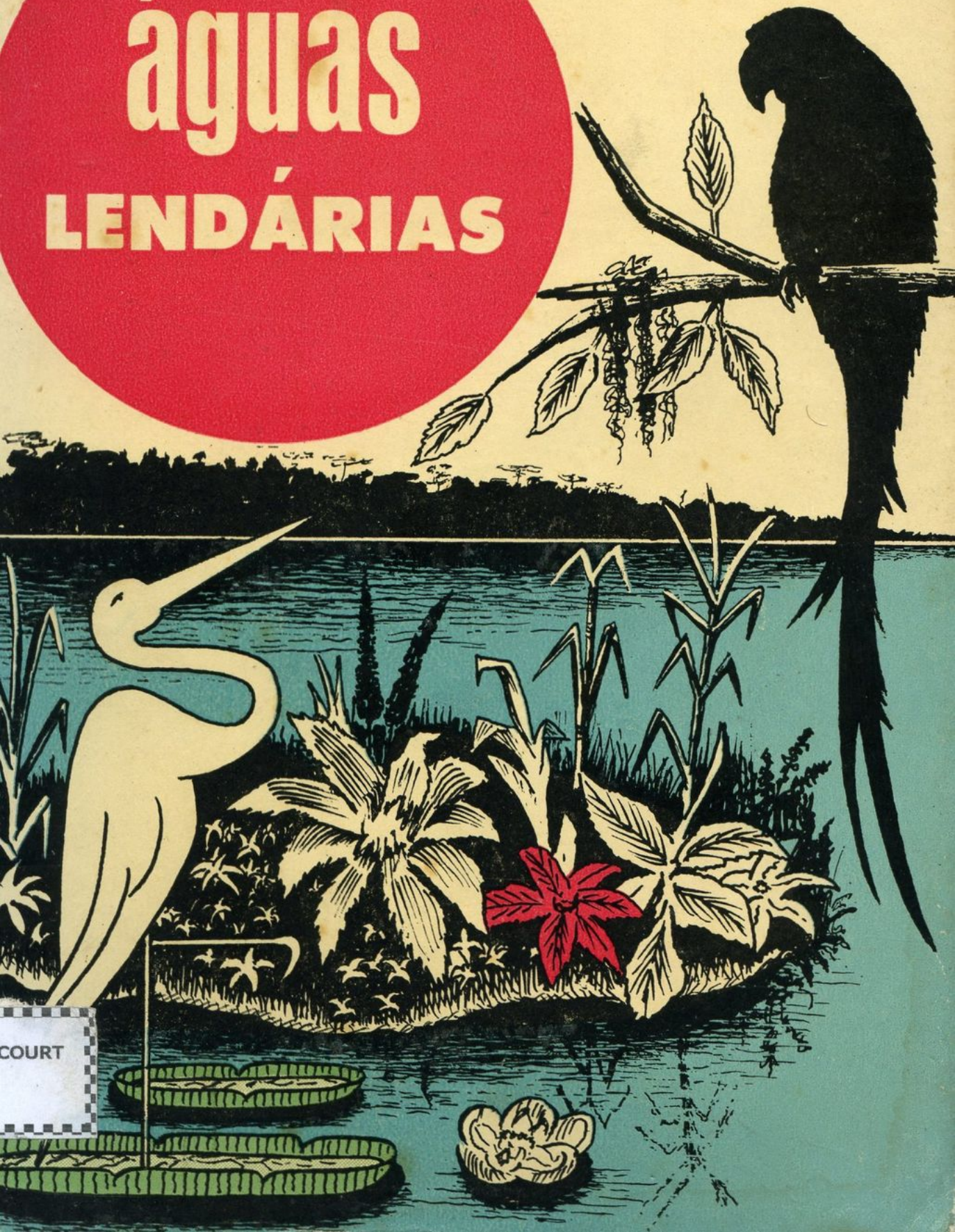
JOÃO NOGUEIRA DA MATA

DA ACADEMIA
AMAZONENSE
DE LETRAS

águas LENDÁRIAS



COURT

ÁGUAS LENDÁRIAS

JOÃO NOGUEIRA DA MATA
(DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS)

Ao ilustre Amazonense
Dr. Agnello Bittencourt Fº,
com a admiração e o afeto
de
João Nogueira da Mata
MANAUS, 15-04-86

ÁGUAS LENDÁRIAS

Am
303.482
M425a

EDITÔRA SERGIO CARDOSO
Rua Joaquim Sarmento, 78
Manaus — 1969

OBRAS DO AUTOR já publicadas :

Nos Prélios da Vida	ed. 1957
Flagrantes da Amazônia	ed. 1960
Nos Altiplanos do Nhamundá	ed. 1967
Discurso na Academia Amazonense de Letras	ed. 1968

Próximo lançamento :

Meu Aturá de Crônicas

ÍNDICE

Prefácio 9

1.ª Parte

Onde nasce o Rio Amazonas 15

A Pororoca 21

Encontro das Águas 27

Baía do Rio Negro 33

Lanchas de Reboque 39

Pôrto de Manaus 45

Rio Negro 51

Rio Madeira 57

Rio Purus 63

Rio Juruá 69

2.ª Parte

Navegação Hinterlandina 77

A Pesca Regional 83

Peixes Saborosos 89

Pescadores Portuguêses 93

Tartarugas e outros Quelônios 99

A Festa dos Tabuleiros 105

Os Pomos Dourados 111

O Fascínio da Iara 117

As Conquistas do Bôto 123

O Mistério Potâmico 129

PREFÁCIO

Com êste é o terceiro lançamento meu que vem a lume a propósito de temas regionais. Cumpro assim a palavra empenhada por ocasião da posse na Academia Amazonense de Letras, a 19 de dezembro de 1959. Naquela noite — inesquecível para quem jamais ambicionou os galardões da imortalidade — fiz, entre outras, a afirmativa de que, como ocupante da Poltrona n.º 6, cujo patrono é Adriano Augusto de Araújo Jorge, iria transformá-la em ara sacrossanta de estudos e reflexões.

O trabalho hoje dado à publicidade está vazado no mesmo estilo simples dos dois anteriores — "Flagrantes da Amazônia" e "Nos Altiplanos do Nhamundá". Gosto de empregar, nos devaneios literários, a linguagem da maioria dos patrícios que não puderam subir os degraus de uma Faculdade. Patrícios que me parecem, até certo ponto, com aquêles bárbaros rondando as portas da Perfeição, no terso frasear de Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros.

Longe de mim, portanto, a estulta pretensão de haver utilizado, nas páginas desta obra, as louçanias do vernáculo. Tive sempre em vista, e ainda tenho, na jornada pelos caminhos da vida, a lição dos latinos, para os quais in medium est virtus. *Nem à frente, com o lábaro do vexilário, nem o "cerra-fila" dos escalões, na marcha cadenciada dos infantes.*

Muito mais distanciado dos que transpiram dogmatismo por todos os poros. A literatura deve ser um recreio para o espírito. Quando um dia ela se apresentar ortodoxa, obedecendo a cânones irreversíveis, será posta à margem sem mais explicações.

O Amazonas atual, em plena marcha para a integração — nos exatos têrmos da política desenvolvimentista do govêrno — está incorporado como área de turismo de âmbito nacional. Eis como deve ser desvendado a quantos o procuram, em visitas puramente recreativas ou científicas.

Escrito o livro para turistas, nêle foram colocadas em realce, num todo esquematizado, as águas claras ou escuras, rumorejantes ou tranqüilas da imensa "flumilândia", que tanto têm impressionado a vultos eminentes, como os de Eliseu Reclus e Euclides da Cunha.

Há duas partes distintas em "Águas Lendárias", com dez capítulos cada uma. Da primeira constam os temas "Onde Nasce o Rio Amazonas" e "A Pororoca". Esta já perquirida em setenta obras especializadas, existentes na biblioteca do Conselho Nacional de Geografia, conforme declaração de Amilcar Botelho de Magalhães, e aquela por cientistas como Von Spix e Von Martius, D'Orbigny e Castelnau, Sievers e Teodoro Sampaio, Agnello Bittencourt e almirante Ferreira da Silva.

Até hoje despertam curiosidade, nos que chegam à capital amazonense, o "Encontro das Águas", o "Cais Flutuante", a "Baía do Rio Negro" e as "Lanchas de Reboque". Históricos e cheios de miríficas sutilezas os rios Negro, Madeira, Purus e Juruá.

Em Manaus, entrando em contato com o meio, o turista se familiariza para logo com os maravilhosos passeios pelas estradas amplas, pelos balneários, pela praia da Ponta Negra. Depois de visitar, claro está, o comércio da ZONA FRANCA, percorrendo as ruas asfaltadas do perímetro urbano, as praças ajardinadas, com seus monumentos e chafarizes.

Nas excursões fluviais, quer em Cacáu-Pirêra, quer às fazendas do Careiro, Cambixe e Curarí, as observações incidem sôbre a "Navegação Hinterlandina", ou melhor, sôbre os processos aplicados pelo homem para dominar essas águas. Escolhidos com cautela, por outro lado, os capítulos concernentes à "Pesca Regional", aos "Peixes Saborosos" e aos "Pescadores Portuguêses".

Ficou bem explícito, no capítulo décimo segundo, que a pesca regional continua orientada pela experiência dos antepassados, isto é, de ameríncolas e portuguêses, quando divulgaram o uso do arco e da flecha, do arpão e do jaticá, do mundé *e da batição, do espinhel e da* pinauauáca, *do arrastão e da tarrafa.*

"A Festa dos Tabuleiros", que expõe a sanha dos salteadores de quelônios, deixa entrever um ângulo da depredação de nossa riqueza Depredação generalizada, na flora e na fauna. Madeiras-de-lei extraídas sem replantio. Seringueiras exploradas até à exaustão. Tartarugas perseguidas nas praias e nos lagos.

Constituiu-se o "rush" da borracha num dos maiores surtos desenvolvimentistas da Amazônia. Fê-la agigantar-se financeiramente em pouco tempo. Faltou-lhe apenas um planejamento estatal, para resistir aos impactos da concorrência, que lhe fizeram.

A chegada, no extremo-norte, das levas de nordestinos, ensejou cenas como a descrita em "Pomos Dourados", em que o flagelado não se detinha diante do imprevisto, no meio estranho. Eis a mentalidade do homem inopinadamente transferido da caatinga e do agreste para os altos-rios, na solidão dos centros. Além dos perigos da floresta densa, dos selvagens sedentos de vingança e dos animais agressivos, viu-se às voltas com as lendas.

"O Fascínio da Iara", "As Conquistas do Bôto" e "O Mistério Potâmico", insertos sob color de ficção, evidenciam racontos que vêm de séculos, ecoando de sítio em sítio. Para o hinterlandino, que cisma com as evocações da "antiquera", há nesses capítulos um fundo de positividade.

"Águas Lendárias", como se vê, é um ligeiro transunto da Amazônia impregnada de temas sugestivos — uns quase edulcorados de ingenuidade e outros profundamente polêmicos — que abroquelam, todavia, a boa fé humana, notadamente de turistas ávidos de sensações.

O AUTOR

1.ª PARTE

ONDE NASCE O RIO AMAZONAS

A primeira revelação sôbre a origem do Rio Amazonas, de que se tem notícia — no lago de Lauricocha, Departamento de Ancash, na República do Perú — data do século XVI (1535). É atribuída aos padres jesuitas Samuel Fritz e Richler, em circunstâncias singulares. Êstes, presos pelos portuguêses ao longo do Solimões, como "espiões" do reino de Castela, foram pouco depois restituidos à liberdade. De torna-viagem, subindo o grande caudal, penetraram na região andina e ali — ainda preocupados com a expansão da pátria — deram com o supracitado lago.

Tal descobrimento alcançou a maior repercussão com o lançamento de um mapa de "grandes proporções", anexo a relatório de autoria do próprio Samuel Fritz, mais tarde reeditado em tamanho reduzido por outro sacerdote, Juan Narvaez. Dessa redução veio a lume um **raccourci,** à guisa de súmula imperfeita do relatório, nas "Lettres Edifientes", tomo XII, publicação naqueles idos de responsabilidade dos filhos de Loiola.

De Aires do Casal a Eliseu Reclus correu mundo semelhante versão sem consistência. Continuou adotada pelos anos em fora, com Spix e Martius, D'Orbigny e Castelnau . Dêles, de sua vez, não discreparam nem Sievers, em 1 909, nem Teodoro Sampaio, em 1 922.

Além dêsses sábios, exploradores outros também contribuiram para a elucidação do assunto. Acentuaram-se assim os conhecimentos a propósito das investigações já divulgadas, e veio à baila a versão segundo a qual há, entre os supostos tributários do Marañon, alguns rios de curso mais extenso, como o Ucaiale.

Semelhantes perspectivas — consoante abalizado amazonólogo — erigiram-se em confirmação do asserto de Garcilasso de La Vega, para quem o Apurimac — um dos galhos do Ucaiale — podia ser o verdadeiro "rio das Amazonas".

Foi quando entrou em cena o naturalista italiano Antônio Raimundo, responsável por numerosas explorações científicas. Dêle a obra monumental "El Peru". Limitaram-se os trabalhos do eminente milanês à região do Marañon, em que foi dado o Napo como o braço mais extenso e, pois, como a fonte do Amazonas.

Outros exploradores preconizaram como nascente o Hualhaga, que se estende do "Cerro del Pasco" até Huanco, a 3 000 metros de altitude. O Hualhaga, porém, é afluente da margem direita do Marañon, assim como é também o Ucaiale. Dilucidando melhor : o Hualhaga deságua no Marañon a 335 quilômetros mais acima da foz do Ucaiale.

Diante de tais conjeturas, sem dúvida suscetívies de retificações — resolveu o govêrno peruano mandar proceder a verificações mais positivas, sob os auspícios da "Sociedade Geográfica de Lima", e delas conseguir o roteiro definitivo. Foi a delicada missão confiada ao professor norte-americano Squire. Êste, após longas e trabalhosas incursões, localizou o manadeiro do grande rio nos altiplanos de La Raya, ao sul do Peru, com probabilidade de ser o Vilcanota o rio extremo, cuja cabeceira ainda hoje insta por uma revelação.

Assentou-se assim um ponto de vista, segundo o qual o rio Amazonas deriva do Vilcanota, que recebe o Apurimac e depois o Ucaiale. Consistiu o êrro dessa investigação — adverte mestre João Ribeiro — em admitir-se, como principais, rios que não passam de meros afluentes.

Antolhou-se, então ,a tarefa mais importante, a de "explorar **in loco"** as cabeceiras do rio tradicional, e descobrir o seu primeiro e mesquinho curso no planalto de La Raya.

Tão delicada incumbência foi desempenhada por J. Campbell Besley, à vanguarda de uma expedição anglo-americana Tomaram parte caravaneiros modernos, à semelhança daquêles outros que pervagaram os Andes durante a conquista dos Pizarro — o "ferro-carril del Sur", em Mollendo — e rumaram com destino à base das operações. Remontaram à pequena corrente do Vilcanota e, contando com o auxílio de filhos da região e de lhamas, atingiram as faldas do Curenani, eternamente coberto de neve. Galgaram a encosta até o **divortium aquarum,** que se inclina para três declives : para o Pacífico, para o lago de Titicaca e para a região da "montaña", ou amazônica . No Peru e na Bolívia — acentua João Ribeiro — denominam "montaña", paradoxalmente, a região de descida para o Atlântico, a qual se caracteriza pela sua floresta em oposição à pobreza do solo do planalto andino.

Ao cabo de uma semana — prossegue o citado professor — o capitão Besley, verificados os cursos do Pupera, da vertente do Pacífico, e do Pucara, que corre para o lago de Titicaca, e que não têm origem comum, circunscreveu suas investigações ao curso do Vilcanota. Isto feito, dividiu os expedicionários em vários escalões, a vasculharem os terrenos adjacentes.

Um dêsses escalões — conclui João Ribeiro — trouxe a "verdade esperada" : algumas poças dágua tranqüilas, como as de um pântano, e alimentadas pelo degêlo do "Telhado do Mundo" ("Roof of the World"), representam o comêço do rio gigantesco".

Deve-se, pois, aos ingentes esforços de Squire e Besley a fixação da exata nascente do Rio Amazonas. Desnecessário recomendar, em face do exposto, que geógrafos em tratados ou compêndios e professôres em cátedras dos três graus do ensino devem pôr à margem as erronias de mais de quatrocentos anos, assoalhadas por Samuel Fritz e Richler, e proclamar sem reservas as concludentes assertivas de Squire, Besley e Beslau.

No estupendo sistema hidrográfico da Planície, apresenta-se o Amazonas sobremaneira caprichoso. De início corre para o norte, desviando-se em seguida para noroeste, para nordeste até rumar para leste, atravessando, então, os dois Estados da região norte do país.

Com aspecto de um "frasco florentino" — segundo a observação de Derby — é um rio tìpicamente de planície, de declive fraquíssimo. Em Tabatinga, por exemplo, a mais de 1 700 milhas do oceano, acusa apenas 65 metros de altitude.

O maior rio do mundo, em volume dágua, exibe também dimensões extraordinárias : 3 165 000 quilômetros quadrados, só em território brasileiro. Mede em Tabatinga quase 3 quilômetros de largura, e mais de 4 quilômetros em certos trechos do Solimões. Num verdadeiro contraste, acusa 1 892 metros de margem a margem, no denominado Estreito de Breves.

Consoante estudos feitos, a profundidade do Amazonas aumenta à proporção que o mesmo se aproxima da foz. Em Tabatinga o leito está a 20 metros, em média, enquanto no Solimões varia de 50 a 60 metros. Nas ribas de Óbidos, atinge a 130 metros.

O soberano dos rios possui três denominações : é Marañon, até Tabatinga; é Solimões entre Tabatinga e a foz do Rio Negro; e é Amazonas da foz do Rio Negro em diante, até despejar-se no Atlântico. Em qualquer dêsses trechos, assim denominados pelos geógrafos, tem indiscutivel valor, quer no ponto de vista histórico, quer no ponto de vista geográfico.

Cada tributário do Amazonas representa não sòmente uma bacia de extenso rio, mas ainda um regime próprio, com características indeléveis, resultantes de funções topográficas peculiares, com águas claras ou escuras.

Eis os afluentes. Pela margem direita : Javarí, Jutaí, Juruá, Purus, Tefé, Catuá, Coarí, Mamiá e Madeira. Pela margem esquerda : Içá (Putumaio), Tocantins, Japurá (Caquetá), Negro, Atumã e Nhamundá.

Riquíssima a ictiofauna, com espécies que sobressaem pelo seu valor nutritivo, ou pela abundância. Dentre elas, o pirarucu — o "bacalhau brasileiro" — o tambaquí, o tucunaré e a pescada. Também muito procurados o pacu, a sardinha e o acará. O acará-açu, insubstituível nas "caldeiradas" amazonenses, rivaliza com o tucunaré.

O peixe-boi, excêntrico por ser peixe com as características de mamífero, e por alimentar-se da canarana, às margens de lagos e paranás. Dêle se prepara a "mixira" — a carne frita na banha do próprio peixe — em pouco sal e sem quaisquer outros condimentos. Industrializado, o couro serve para polias em fábricas e oficinas.

A tartaruga, de carne saborosa, é tida e havida como o primeiro prato regional, indispensável nos banquetes. Além do "sarapatel", oferece aos "gourmets" o cozido, o peito de fôrno e o "pachicá". Há outras sub-espécies de quelônios, como o tracajá e o iaçá, também muito disputados pelo povo.

As águas do Amazonas e seus tributários variam de coloração. Daí se terem tornado alvos da curiosidade dos poetas e prosadores que aludem às águas de nanquim do Negro e às águas amarelas ou barrentas do Solimões.

Além dos peixes, úteis à alimentação, outras espécies povoam o imenso caudal, cujo exotismo tem atravessado os séculos. Realidade é a presença de cobras grandes — as jibóias e as sucuris de laçadas estranguladoras. Estas de lagos e estirões, e aquelas vivendo no soturno da selva. Realidade é a presença do bôto vermelho e do bôto prêto — êste também conhecido como tucuxí.

A versão mais atraente do bôto é que êle, por ocasião das festas nos sítios — modestas propriedades ribeirinhas — costuma aparecer, no auge da animação, transformado em elegante mancebo, de fino trato e habilidade única para insinuar-se entre as jovens casadouras. Fala com amavios, dança admiràvelmente bem e instila em cada coração feminino uma gôta de mel. Resultado: em meio à festa, fascina as "cunhãs" e até desfaz noivados . . .

Rio de planície, no conceito de geógrafos eminentes, o deslocamento de sua massa varia de 60, 90, 120 a 140 mil metros cúbicos por segundo, conforme a época do ano. Tais índices é que comprovam uma superioridade de 2 a 4 vêzes ao deslocamento do Congo, ou de 4 a 6 vêzes ao do Mississípi.

Consoante estimativas, enorme é o volume de detritos jogados no Atlântico — as "terras caídas" e os troncos gigantescos — que descem de bubuia.

Dessa corrida inexorável rumo ao oceano, levando de roldão tudo o que lhe surge à frente, duas assertivas alcançam notoriedade : o rio é agressivo; o rio é perdulário ! Agressivo, porque, ao defrontar-se com o oceano, não mede consequências, e nêle penetra quinhentos quilômetros. Perdulário é o rio, porque, com as terras expulsas para além- fronteiras — dizem cientistas — forma Terra Nova e fertiliza a Flórida, nos Estados Unidos.

A POROROCA

Quem penetra no vasto estuário do Rio-Mar, logo nos primeiros meses do ano, pode ser surpreendido com o fenômeno da pororoca, de proporções impressionantes. Ondas e ondas em convulsão, levando tudo de vencida, constituem um perigo para quantos navegam em paquetes e gaiolas. Rugem à maneira de monstros enfurecidos e se jogam contra o Atlântico em luta de consequências imprevisíveis. Testemunhas afirmam, sem exagêro, que pequenas embarcações procuram abrigo enquanto a fúria castiga, e paquetes, apanhados em meio de viagem, geralmente saem danificados.

É fenômeno muito amplo, estendendo-se do Cabo Norte às proximidades de Santarém, com incidências também no Araguarí, Maiacoré, Guamá, Capim, Mojú, Mearim, e outros.

Bem aplicada a palavra **"pororoca"**, de origem tupi-guarani, assim discriminada : **poro** (rebentar) e **roca** (em casa), ou, segundo Batista de Castro, **estrondante.** Cônego Bernardino José de Sousa quis dar curso ao vocábulo "cavaleiro" — como é chamada a pororoca no Maranhão — mas a sua iniciativa nenhuma receptividade obteve. Pororoca está para sempre incorporada ao opulento linguajar amazônico.

O fenômeno, pelo ímpeto de que se reveste, tem despertado a curiosidade não só de turistas, senão também de cientistas de elevado conceito, estrangeiros e nacionais. Amílcar Botelho de Magalhães, que se deteve em observações, chegou a consultar cêrca de setenta trabalhos em tôrno do assunto, na biblioteca do Conselho Nacional de Geografia, além de outros tantos de bibliotecas particulares.

De acôrdo com fonte popular, naturalmente eivada de empirismo, a origem do fenômeno se encontra "no empuxo da maré na enchente", ou na "corrente marítima". Parece destituida de fundamento a primeira versão, porque, se assim ocorresse, teria êle repetição de doze em doze horas, na veemência dos fluxos e refluxos. Quanto à existência de "corrente marítima", a conhecida "corrente equatorial do sul", que vem das Canárias e passa pela embocadura do Amazonas — também sofre restrições. É que, sendo corrente constante, o fenômeno teria que se repetir mais amiúde.

A navegação hinterlandina, quando o elemento líquido assim se rebela, torna-se sumamente perigosa. Dos primórdios aos dias atuais. Saladino de Gusmão, em "Riquezas e Segredos da Amazônia", exibe uma gravura, em que aparece a "Esquadra de Pinzón acossada pela Pororoca". Como o famoso navegante, numerosos outros têm pelejado contra a agitação dos tremendos macaréus, ao longo do vasto anfiteatro amazônico. Anfiteatro em que Francisco Orellana, ao retornar a estas plagas, para fundar a Nova Andaluzia, sob o patrocínio de Carlos V, encontrou a morte.

Marujos do alto-mar ou das águas hinterlandinas, conhecedores de tais precedentes, respeitam as ondas subversoras. Esperam que elas amainem. Gaiolas que têm sido apanhados em viagem, jazem no leito do imenso estuário, como vítimas indefesas.

Moradores das margens não levantam dúvidas, nem depreciam a virulência de tais investidas. Ouvem ao longe o ruído dos impactos entre o Amazonas e o Atlântico — sabem que há uma devastação em acelerado — e tomam providências. Desde cedo

aprendem que a desgraça pode sobrevir com o assalto fulminante das águas. Em fevereiro, então, com fôrça esmagadora. Vigilância permanente para o embate como se apresentar.

Habituados, assim, às surtidas da natureza, os homens dos tombadilhos, na Amazônia, procuram os atalhos — os furos e os paranás — e por êles dirigem os navios. Atalhos naturais, ensejados pelos desígnios divinos, a fim de que as pequenas embarcações também possam, através do labirinto colossal, enveredar pelos domínios do **"Paranàguaçu"**.

Curiosa a sensibilidade do homem planiciário aos perigos fluviais. Quando a pororoca se levanta em ondas avassaladoras, o caboclo das margens perscruta, a quilômetros de distância, o "ronco surdo" dos elementos. À chegada do cataclismo, esfrangalhando igarités, demolindo casas, destruindo ribanceiras, os filhos das margens já assumiram posição de defesa.

Cessados os efeitos da pororoca, voltam as águas do Amazonas à normalidade, deslocando a sua carga de 80 000 metros cúbicos por segundo, além estuário. Novas perspectivas surgem no horizonte. Paquetes e gaiolas voltam a trafegar livremente, nas idas e venidas ditadas pela civilização. Com as águas rolando mansamente para o Atlântico, a paz retorna aos lares, nas barracas do extrativista e do pescador.

No estudo do fenômeno da pororoca, sem dúvida interessante para o homem dêste século, cientistas estrangeiros e nacionais se têm revezado. Dentre os primeiros, Alfredo Wallace, João Branner, Paulo Le Cointe, Eliseu Reclus e Milliet Saint-Adolphe. Dentre os segundos, Veiga Cabral, Bernardino de Sousa, Raja Gabaglia e Gastão Cruls.

Alfredo Wallace, em "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro", apegou-se à influência das marés e contra-marés, bem assim aos baixios. Argumentando, todavia, com a exclusiva preponderância das fases lunares, na origem do fenômeno, entrou em contradições.

Com efeito, sucedendo-se essas fases de sete em sete dias, aproximadamente, cada uma delas (nova, crescente, cheia e min-

guante), seria inexplicável que se escoassem meses seguidos sem a eclosão do fenômeno.

Quase todos os autores afirmam que o fenômeno se produz em três ondas sucessivas, de três a seis metros de altura, galgando o leito do rio, de margem a margem, em sentido contrário à corrente fluvial. E' o ponto de vista, por exemplo, de Branner, para o qual o fenômeno se gera do encontro das correntes da maré com as correntes fluviais, ao passarem por baixios.

De clareza meridiana, sob todos os ângulos, a descrição de Paulo Le Cointe, nestas linhas : "A pororoca, muíto forte ao longo de tôda a costa do Cabo Norte e na embocadura do Araguari, diminui de intensidade ao entrar no Amazonas, onde ela não se faz quase nada sentir senão em Macapá. Ao sul de Marajó não se a observa bem, senão nos rios Guamá, do continente, e Arari, da ilha de Marajó, os quais desaguam ambos no Pará".

Quanto à luta dos caudais portentosos — do Amazonas e do Atlântico — eis como a fixou o sábio, neste lance : "Na foz do Amazonas, contràriamente ao que sucede com outros rios, vimos que o mar não consegue penetrar no estuário sob a influência das marés. O volume de água doce que se despeja com fôrça é tão considerável, que é esta que repele a água salgada e avança pelo mar adentro, a grande distância, em um largo lençol que se inclina para o norte sob o impulso da corrente equatorial".

Igualmente meticuloso em suas observações, Eliseu Reclus assim se expressou com referência ao fenômeno :

"A maré atlântica vem ao encontro do Amazonas até Santarém, a 1.000 quilômetros do Cabo Norte, considerado limite terminal da foz; a água salgada, porém, não penetra no rio; o fluxo só tem por efeito retardar a corrente do Amazonas e aumentar-lhe a altura"

"O grande choque entre a massa dágua fluvial e a do mar, produz-se já na parte larga do estuário, onde o Amazonas,

perdendo sua grande profundidade, se espraia sôbre os bancos naturais".

Como os pintores que têm o dom de reanimar paisagens, Eliseu Reclus concluiu: "O vagalhão que se forma nestas linhas do encontro entre as massas opostas, excede em altura os do Sena, do Ganges e do Iangtzé. A 8 e 10 quilômetros de distância ouve-se o ronco formidável da pororoca que avança. Um primeiro vagalhão precípita-se como um mar nôvo e tempestuoso sôbre o mar tranqüilo de baixo; um segundo, um terceiro e, por vêzes, um quarto vagalhões sucedem-se, abatendo, destruindo os objetos que resistem. As ondas sucessivas, das quais a primeira chega a ter às vêzes três metros de altura, formam na embocadura uma barra completa de margem a margem e são acompanhadas de redemoinhos, de correntes formidáveis que meteriam a pique embarcações ligeiras e até causariam avarias em navios de grande porte".

Eis uma síntese das pesquisas até agora concretizadas. Cada cientista emite opinião à sua maneira. Tudo deixa entrever que dessa plêiade de sábios a palma coube a Amílcar Botelho de Magalhães, para o qual a pororoca só se forma quando as marés enchentes — estimuladas pelos ventos — entram em conflito com as maiores descargas do grande rio. Observação tanto mais procedente quanto é certo que ela eclode com acentuada frequência nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril, com a chegada à foz do Amazonas das águas das chuvas caídas nas suas cabeceiras. . .

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Na Amazônía, segundo fontes fidedignas, as águas comandam a vida. Numa área de cêrca de quatro milhões de quilômetros quadrados — quase a metade do território nacional — seu sistema hidrográfico excele pela excentricidade da massa líquida. Águas claras e águas escuras. Águas amarelas ou barrentas do Solimões. Águas escuras, como as do Negro, em cuja margem esquerda se ergue Manaus, moderna e progressista.

E' realmente singular essa diferença de coloração das águas. Só à ciência, com as pesquisas de laboratório, incumbe desvendar o mistério, insondável para o homem comum. Enquanto não surgirem os estudos terminantes, continuam as deduções empíricas a polarizar a atenção de quantos penetram, como iniciados, no imenso anfiteatro de Raimundo Morais. Continuam a rolar as águas verdes do Tapajós, as águas amarelas do Solimões, as águas azuis do Trombetas, as águas de nanquim do Negro.

Contempladas, apenas contempladas, exuberantes e lendárias, as águas do Solimões lembram o "mar branco", a que fazem referências as crônicas de antanho, do reinado de Manoa, em que El Dorado pontificava no esplendor magnificente das

pedrarias. Águas que, nada obstante claras, como as do Solimões, permanecem indevassáveis, pelo acentuado da densidade.

Os naturais, quando as recolhem em pequenos recipientes, como as vasilhas reservadas ao uso doméstico, sabem que, no fundo das mesmas, passadas algumas horas, ficam uns dois centímetros de "matéria em suspensão". Daí o cuidado com que, nas casas mais modestas, costumam os hinterlandinos conservar uma pedra de enxofre em cada pote.

Degustadas, para conclusões mais exatas sôbre sua utilidade, as águas do Solimões sabem a barro, embora depois de filtradas se tornem admiràvelmente cristalinas. As do rio Negro apresentam uma leve coloração amarela. Em seu estado natural, ísto é, colhidas do rio, sem qualquer processo de filtragem, contêm uma substância conhecida como "cauichí", de grande importância do ponto de vista químico. E' que o cauichí, sôbre produzir no corpo forte comichão, também responde como causador de várias doenças, inclusive uma do estômago, ainda sob observação por parte de médicos eminentes.

E' nessas águas claras ou escuras que se encontra a fabulosa fauna ictiológica, a que aludem os compêndios de zoologia. Peixes, por exemplo, da mesma espécie, porém de côres diferentes, como tambaquís e piranhas. Tambaquís amarelos do Solimões e tambaquís escuros do Rio Negro. Piranhas acajus ou vermelhas do Solimões e piranhas escuras do Rio Negro.

Cosme Ferreira Filho, em "Amazônía em Novas Dimensões", sustenta que as terras das margens do Solimões são mais férteis que as do Rio Negro. Evidentemente, as margens daquêle rio, pontilhadas de clareiras, vulgarmente conhecidas como roçados, são autênticos celeiros de Manaus.

Enquanto assim ocorre às margens do Solimões, as propriedades às margens do Rio Negro nada exibem de notável, em consequência de suas terras trabalhosas, assediadas de insetos daninhos. Sítios agradáveis, fartos de caças e tartarugas, mas inteiramente desprovidos de cultura de pequeno ciclo. Claro que existem honrosas exceções, por fôrça da tenacidade do homem.

Conquanto a denominação "Rio Negro" seja atribuida a Francisco Orellana, em sua passagem, em 1.542, rumo ao Atlântico, o certo é que, para os ameríncolas daquêles idos, já existia a denominação Guaínia, com o sentido de "rio negro". Donde se depreende que os silvícolas, ao revés do que muita gente pensa, possuiam e ainda possuem intuição bastante desenvolvida para a escolha de topônimos.

Com tanto acêrto andaram os bugres, nesse particular, que até deixaram às voltas com sérios embaraços os próprios colonízadores, por ocasião da campanha pela " lusitanização da Amazônia", desencadeada sob inspiração do marquês de Pombal. De acôrdo com o célebre estadista, todos os topônimos indígenas deviam ser substituidos por denominações portuguêsas. Mas, em verdade, quem deixaria "Paravari" por Pombal, "Pauxis" por Óbidos, "Curupatuba" por Monte-Alegre, no Pará? "Itarendáua" por Moura, "Mariuá" por Barcelos e "Trocano" por Borba, no Amazonas? Tal a influência do natural sôbre os colonizadores, que nomes outros atravessaram os séculos e, não obstante os planos de conquista, continuam adotados com o fascínio que trouxeram de sua origem selvagem. Manaus, lembrando a tribo aguerrida de Ajuricaba. Tarumã, evocando os heróis cujas malocas demoravam a poucos quilômetros da capital amazonense. Maués, os aliados dos Mundurucus, nos entreveros que jamais poderão ser esquecidos pelos historiadores planiciários.

Além de tais nomes próprios já consagrados e, pois, insubstituíveis, ponha-se em evidência o opulento vocabulário tupi-guarani em tôda a área hinterlandina, com amplo uso no linguajar amazonense. Fala-se em Manaus e em Belém um português sensìvelmente enriquecido de vocábulos saídos das selvas — designativos de pássaros e frutas, de peixes e utensílios domésticos, de expressões populares, enfim, que só os habitantes do extremo-norte sabem citar.

O encontro das águas do Negro com o Solimões constitui um espetáculo atraente. Dois caudais que se defrontam em igualdade de condições — um de águas escuras como nanquim,

no asserto do poeta, e outro de águas claras, que trazem à imaginação o Eldorado lendário de Pizarro.

Da mistura dos rios forma-se extensa área convulsa. Das duas correntes, qual a que prepondera? Difícil emitir uma opinião. Só vendo de perto, onde os dois caudais confluem, para chegar a conclusões convincentes. Exatamente o que têm feito poetas e prosadores, cientistas e turistas.

Quintino Cunha, cearense de indiscutível talento, deixou, dêsse encontro original de águas, uma das mais belas páginas da literatura amazônica. Apreciêmo-lo, no apuro de sua inspiração verdadeiramente genial :

Vê bem, Maria, aqui se cruzam : êste
é o Rio Negro, aquêle é o Solimões.
Vê bem como êste contra aquêle investe,
como as saudades com as recordações.

Vê bem como se separam as águas,
que se querem unir, mas só visualmente.
E' um coração que quer unir as mágoas
de um passado, às venturas de um presente.

E' um simulacro só, que as águas, donas
desta terra, não seguem curso adverso.
Tôdas convergem para o Amazonas,
o real rei dos rios do universo.

Para o velho Amazonas soberano,
que no solo brasíleo tem o paço.
Para o Amazonas que nasceu humano,
porque, afinal, é filho de um abraço.

Olha esta água, que é negra como tinta;
posta nas mãos, é alva que faz gôsto.
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
nos olhos, a paisagem de um desgôsto.

Aquela outra parece amarelaça,
muito, no entanto é limpa, que engana.
E' direito a virtude quando passa
pela flexível porta da choupana.

Que profundeza extraordinária, imensa,
que profundeza mais que disconforme !
Êste navio é uma estrêla suspensa,
nêste céu dágua brutalmente enorme !

Se êstes dois rios fôssemos, Maria,
tôdas as vêzes que nos encontramos,
que Amazonas de amor não saíria,
de mim, de ti, de nós que nos amamos !

E' o encontro das águas, nos dias atuais, do Negro com o Solimões, um dos palpitantes cenários para quantos vêm em visita ao Amazonas. Pequenas embarcações percorrem as águas que se interpenetram, e assistem **in loco** à mistura formidanda. Quintino Cunha deu-lhes, no verso liberto dos rigores clássicos, o toque mirífico, que as pessoas românticas admiram. Hoje, no local em que os dois rios famosos se confundem num abraço, também os casais contraem núpcias, em meio à efusão de beijos. E' ponto obrigatório nas excursões oficiais e nas melhores excursões turísticas. Delas têm resultado, como é natural, reportagens sensacionais, de jornalistas patrícios ou estrangeiros, ou páginas imperecíveis em livros de intensa repercussão internacional, apontando ao mundo civilizado um dos ângulos interessantes do Amazonas portentoso e eterno.

BAÍA DO RIO NEGRO

De largura extraordinária, a ponto de se não distinguirem nas enchentes, com vista desarmada, os principais relêvos da outra margem, é a baía do Rio Negro uma das maiores do mundo. Tão ampla e profunda — dí-lo Marcel Homet em "Os Filhos do Sol" — que tôda a esquadra inglêsa encontraria nela abrigo. Assim se pronunciou um homem de ciência, cuja fama todos proclamam.

Contemplando-a, no esplendor de sua magnitude, é que o observador aquilata o acêrto dos colonizadores ao escolherem, para o lançamento das bases da "Fortaleza da Barra", a área à margem esquerda do rio de águas de nanquim, séculos mais tarde transformada na cidade de Manaus.

Por essa baía de tantas lendas, às vêzes de águas serenas, como o lago de Júlio Salusse, às vêzes de águas encapeladas — quando os alísios sopram mais fortes — passaram as alígeras pirogas dos muras ou de Ajuricaba, no dealbar da nacionalidade, em sortidas exterminadoras, ou as "tropas de resgate", em perseguição ao gentio. Subindo rumo ao Rio Branco, ou descendo até à foz do Amazonas, no encontro com o Atlântico, os primitivos por ela transitaram, alheios ainda às conquistas da civilização.

Bem próximo a Manaus, consoante velhas crônicas, feriu-se um dos embates mais sangrentos, de que há memória, entre portuguêses e Tarumãs. Dêle saiu sobranceiro, após terrível morticínio, Pedro da Costa Favela. Além de mortos sem dó nem piedade, seguiram os restantes às centenas, "como prêsas de guerra, para o tráfico ignominioso do Grão Pará e do Maranhão.

Foi contra êsse período de opressões e ataques arrazadores que se ergueu, indômito e varonil, o vulto de Ajuricaba, hoje considerado o nume tutelar do homem planiciário. Capturado e conduzido a ferros com destino a Belém do Pará, a fim de ali ser enforcado, preferiu a morte pelo afogamento. Às caladas da noite, sem que as guarnições inimigas pudessem subjugá-lo, eis que executou o ato extremo, em companhia de outros ameríncolas.

Sem exagêro, antes baseado em elementos estatísticos insofismáveis, chegaram os estudiosos dos problemas hinterlandinos à conclusão que Manaus se desenvolve a olhos vistos, quer em sentido horizontal, nos bairros que surgem em tôrno do perímetro urbano, quer em sentido vertical, com os gigantes de cimento armado que estão sendo construídos.

Persistiu nela até bem pouco, visível à sua entrada, um êrro clamoroso : a Cidade Flutuante. Conquanto assim estultamente cognominada, a verdade é que ela constituia um decesso aos foros culturais da metrópole amazonense. Em vez de sólidos alicerces, lembrando Veneza, de que os italianos se orgulham, predominavam, como alicerces, o açacu e a seringueira barriguda, a sustentarem monstrengos de madeira cobertos de retalhos de zinco.

Erigidos assim sem a participação do engenheiro ou do mestre de obras — antes substituídos pelo biscateiro e pelo curioso — as casuchas se alastraram pela extensa pista de madeira, tôscas e mal-amanhadas, sem confôrto e sem esgôto, num desafio gritante ao código de posturas da Prefeitura Municipal ou ao código sanitário da Secretaria de Saúde Habitações melhores, de linhas arquitetônicas modernas, essas

pertenciam ao estado-maior dos negocistas, useiros e vezeiros sonegadores do erário público, estadual ou municipal.

Em meio à turba-multa entregue ao trabalho pela sobrevivência, campeavam sub-reptìciamente o vício, os embusteiros dos jogos de azar, os vendedores das drogas infernais — da maconha e da cocaína.

Daí o índice impressionante de crimes, no mais das vêzes no silêncio das noites, principalmente de homicídios. E não se diga que essa gente vivia ao léu, sem patronos abalizados. Não. Contava com o prestígio dos magnatas do contrabando, com a proteção de coiteiros diplomados na safadeza, com inocentes úteis propiciando as maiores velhacadas.

Felizmente a Revolução, revigorando o sentido de autoridade, compareceu em tempo aos "mocambos", calculou as proporções do êrro, e resolveu eliminá-lo a todo pano. Construiu um bairro residencial modesto, e ali localizou os favelados da rampa do mercado. Encaminhou ao interior os que se haviam incorporado ao "êxodo", evidentemente iludidos. Pôs em fuga os sugadores do povo e sonegadores das rendas públicas.

Deixando de ser a cidade estagnada após a queda da borracha, projeta-se Manaus agora como a capital mais fascinante do extremo-norte e jóia de singulares rutilâncias, engastada à margem esquerda do Rio Negro.

Indícios dessa prosperidade, proclamados por quantos a visitam, ressaem da Refinaria de Petróleo, das fábricas de tecelagem de juta, das usinas de castanha e cortumes, do Teatro Amazonas e do Iapetec, da Lobrás e do Hotel Amazonas, do Palácio Rio Negro e do Palácio Rio Branco, além dos gigantes de cimento armado, que estão sendo construídos.

De águas escuras, com profundidade de 80 metros, na opinião de Agnello Bittencourt, a baía do Rio Negro tem ensejado as mais curiosas notícias, quer em relação à ictiofauna que nela vive, quer em tôrno de outras ocorrências, inclusive naufrágios. Baía em cujas águas misteriosas têm livre trânsito piranhas de

mandíbulas estraçalhadoras e piraíbas de uma voracidade incrível. Baía que nenhum nadador, por mais exímio, se atreve atravessar sem grandes preocupações.

Apesar dos perigos apontados, da existência comprovada de tais feras, a baía do Rio Negro presta-se maravilhosamente para competições esportivas. Tradicionais as regatas de Manaus, com a participação do "Rudder Klub", do Clube Amazonense de Regatas e do Grêmio Náutico Portugal. Dia cinco de setembro de cada ano — consagrado à elevação do Amazonas à categoria de Província — realizavam-se as memoráveis competições entre os atletas do remo. Requisitadas eram, mediante gestões amistosas, lideradas pela Capitania dos Portos, as embarcações que se encontrassem no quadro. Formavam-se então duas alas, em tôda a extensão por onde deviam desfilar as unidades dos atletas.

Das quinze horas em diante, sob o patrocínio das mais altas autoridades do Estado, tinha lugar a porfia sensacional de "outriggers", ióles e até canoas tôscas — estas impulsionadas por estivadores e peixeiros. Espetáculo emocionante ! Partiam todos de São Raimundo em direção de Educandos, sob salvas de foguetões. A chegada dos vencedores era recebida por entre os vigorosos apitos dos navios surtos no pôrto, ornamentados de bandeiras multicores e apinhados de passageiros.

Outra festa popular sôbre a baía do Rio Negro, de invulgar ressonância, sempre foi a de São Pedro, a 29 de junho de cada ano, com o desfile de barcos, inclusive do capitânia, com a imagem do padroeiro. Quando as Colônias de Pescadores estavam em pleno fastígio, tendo à frente o comandante Melo Pina, de saudosa memória, tais festejos impressionavam vivamente à população.

Há anos que as regatas não se realizam, talvez por ausência de patrocinadores entusiastas. Lutam os clubes náuticos, especialmente o Clube Amazonense de Regatas — com sérias dificuldades financeiras. Outro tanto acontece com os promotores das festividades de São Pedro.

No entanto a baía convida os excursionistas para as viagens aos domingos e feriados, quer ao longo de sua pista majestosa, quer pelas suas margens magníficas, durante as vazantes. Ponta Negra e Cacáu-Pírêra são aprazíveis recantos para convescotes, hoje felizmente incluidos nas linhas do turismo regional.

Quem pela primeira vez percorre o Rio-Mar — procedente de Belém do Pará — e vê cenários verdes, à direita e à esquerda, com as clareiras, que lembram a natureza trabalhada pelo homem, é que pode dizer da impressão causada por Manaus alegre e acolhedora, de ruas asfaltadas e casas bem construidas.

Concorre para êsse otimismo a imponência da baía do Rio Negro, coalhada de grandes e pequenas embarcações, com o seu pôrto a servir de moldura à cidade. Tudo isto é um desmentido formal aos detratores de todos os matizes, que aludem à existência de bugres semi-nus nas ruas principais ou a cobras em cada esquina. Ao revés dessa propaganda criminosa, só admissível em cérebros doentes, Manaus é civilizada, de indiscutível salubridade, de hotéis modernos, de passeios pitorescos, de pratos regionais inexcedíveis. Rejubila-se imponente com o seu Teatro, com os seus balneáríos edênicos. Visitando-a, embora por poucos dias ,o turista, estrangeiro ou nacional, sente a fraternidade de seus habitantes, o desejo insopitável de todos pela integração de Manaus às metrópoles mais civilizadas do mundo, certa e recerta de que é, nos dias atuais, uma das melhores realizações da engenharia brasileira !

LANCHAS DE REBOQUE

Manaus é abastecida de frutas e legumes pelos povoados do Careiro, Cambixe e Curari. Áreas alagadíças em que há sítios tradicionais, cujos habitantes se dedicam à criação do gado e às culturas de pequeno cíclo. Durante o ano todo, notadamente por ocasião da estiagem, além das vitualhas já citadas, exportam grande quantidade de leite, queijo e manteiga da melhor qualidade, equiparados aos similares do sul.

A ligação dêsses pequenos celeiros com a capital vem sendo feita de longos anos por um processo original de navegação : por meio das "lanchas de reboque". Formando duas alas à pôpa dessas lanchas, as canoas dos ribeirinhos são assim conduzidas dos três entrepostos à cidade, e vice-versa, em viagens semanais.

Há quarenta anos passados, como "mensageiras" da boa vizinhança", as lanchas "Maria" e "Xiborena" faziam tais excursões. No Curari liderava a "Maria", de construção inglêsa e velocidade razoável. Todos os roceiros lhe gabavam a marcha. A prova é que nas horas vagas, ao talante do prático de "quarto", apostava com a "Xiborena", em excelentes condições. Exatamente por isso, por êsse equilíbrio de forças, é que os proprietários — ao que comentavam todos — não se entendiam.

No Careiro e Cambixe predominavam nordestinos ou descendentes dêstes, aqui chegados, segundo os historiadores, nos primeiros escalões, tangidos pelas sêcas de 77 em diante. Instalados nessas duas áreas, fundaram fazendas, ficaram abastados e tornaram-se armadores de embarcações. Por meio delas — sòmente a serviço dos dois núcleos populacionais — passaram a ser homens de largo prestígio, quer no comércio, quer na política. Quem, às vésperas dos pleitos eleitorais, não contasse com a frota dos "lancheiros", estaria lutando em vão.

À hora das saídas de Manaus, as lanchas de reboque davam intenso movimento à rampa do mercado. Canoas, igarités e batelões, uma hora antes, aprestavam-se para as viagens. Reiterados apitos se faziam ouvir. Dias mais movimentados que outros. Reboques bastante longos, ou não.

Quando havia concorrência, isto é, duas lanchas com saída na mesma hora, a luta entre os proprietários era visível. Apitos nervosos, de tantos em tantos minutos, manobras à entrada do pôrto, e nada de partida. Só depois de todos os ângulos examinados — de não faltar mais nenhum retardatário — as hélices das pequenas embarcações se movimentavam, em arrancada decisiva.

Barra fora, e as máquinas propulsadas a "tôda fôrça", passageiros e tripulantes sentiam uma sensação de bem-estar. Daí por diante todos procuravam derivativos mais à vontade. Aquêles lendo jornais, ou palestrando cordialmente. Práticos e marujos entregues às suas fainas. Nas canoas rebocadas, de "bigodes" à proa, roceiros permaneciam sôbre os giraus pitando cigarro, ou contemplando o imenso espêlho líquido. Outros, nas igarités de toldas ou nos batelões, estendidos à vontade, dormitando por algum tempo.

A rivalidade entre os donos da "Maria" e da "Xiborena" criara o anedotário. Enquanto uns elogiavam, outros se excediam nas restrições. Dentre êstes havia os que diziam que a "Maria", já em meio da viagem, esgotada de tanto andar, ia repetindo — "chocolate !" "chocolate !" — enquanto a "Xiborena", pesada e resfolegante, solicitava — "café com pão" ! "café com pão" !

Tais motejos eram recebidos entre os passageiros sob gargalhadas, dando mais entusiasmo às excursões.

A chegada ao Careiro, Cambixe e Curari erigia-se num encanto para os olhos. Festiva a recepção em cada pôrto. Aos sábados, com mais frequência, aos amigos que iam passar o domingo nas fazendas, bebendo o leite mujido, comendo o bom queijo de coalho e os frangos assados de brasa. Fartas sobremesas de melões e melancias. Em vez do vinho ou do refrigerante, o açaí e a bacaba, o buriti e a graviola.

De torna-viagem, com os batelões atulhados de frutas e legumes, as lanchas aportavam a Manaus. Já de noite, quando as luzes do cais flutuante e das ruas preparavam a cidade para os passeios aos cinemas, às boates e aos clubes recreativos.

Enquanto isso não se dava, todos conversavam animadamente a bordo, comentando as delícias do campo. Destros tocadores de instrumentos de corda executavam os mais recentes sambas do repertório. Isto quando as viagens se faziam tranqüilas, com as águas levemente agitadas. Havia também as viagens debaixo de temporal, com as maretas desordenadas e até com sinistros lamentáveis.

Quando semelhantes fatos não ocorriam, em prejuízo dos agricultores, a abordagem dos atravessadores era infalível, com a audácia dos flibusteiros.

Realmente os atravessadores são uns oportunistas de golpes revoltantes. Sabendo de antemão os preços das frutas, legumes e verduras, nos mercados e feiras da capital, assediam os produtores, ainda em viagem, com lábia crapulosa. Achacadores do pôrto — em ação consentida desde os flutuantes do Xiborena — fazem do caboclo prêsa fácil de sua desmedida ambição.

Em face da atuação dos atravessadores, entre agricultores e consumidores, os preços das frutas, legumes e verduras atingem a índices verdadeiramente escandalosos.

Evidente é que certas medidas coibitivas já tiveram curso em governos anteriores. O general Emanuel de Almeida Morais, quando prefeito de Manaus, deu de rijo em cima dêsses espertalhões. Ficaram impedidos de proceder à abordagem — dos flutuantes do Xiborena à praia do mercado.

A chegada das lanchas do Careiro, Cambixe e Curari, nada obstante os óbices apontados, já faz parte da vida dos citadinos. À hora aprazada, no inverno ou no verão, centenas de pessoas aguardam por elas. Dentre estas, de certo, os que vivem do intercâmbio comercial com os sítios e fazendas das margens.

Evidentemente, do Careiro, Cambixe e Curari vem o leite, a manteiga e o queijo. Em determinados momentos, até mesmo a carne verde chega a preços mais acessíveis. Com relação a frutas, copiosa é a quantidade de melancias e melões, laranjas e abacates, bananas brancas e maçãs, pacovões e pacovis, mangas e manguitas, graviolas e abacaxis, atas e beribás, sapotilhas e abios, popunhas e buritis. Além das frutas, sem dúvida saborosos, há uma profusão de legumes e verduras destinados aos mercados e feiras.

Tal abastecimento se torna uma realidade — convém frisar — dentro de minguados recursos e devido ao esfôrço sôbrehumano dos proprietários das lanchas de reboque. Escassas as subvenções estipuladas.

Há perspectivas alentadoras, todavia, nesse setor relativo ao abastecimento de Manaus. Antiquadas, ronceiras, sem condições de confôrto, com tôdas essas deficiências persistem essas lanchas nas mesmas rotas, conduzindo produtos para a população manauára.

Pelos anos de luta, sempre com a mesma convicção, bem que fazem jús os proprietários de tais embarcações a estímulos objetivos, através de financiamentos que concorram para a renovação das unidades fluviais que ainda estão em tráfego.

PÔRTO DE MANAUS

O pôrto de Manaus está compreendido entre a praia de São Vicente e a rampa do mercado municipal. Nessa longa faixa litorânea, logo à entrada da cidade, levanta-se, de um extrêmo a outro, sólida amurada de 500 metros, ao longo da qual estão edificados armazéns destinados às mercadorias chegadas do sul do país, ou do exterior, e aos produtos trazidos do interior, como a castanha e a borracha.

O cais flutuante, pròpriamente dito, compõe-se de duas seções : a primeira em forma de T, para atracação de navios de cabotagem (do Lóide Brasileiro e da Costeira), e a segunda, denominada "Trapiche das Tôrres". Nesta permanecem, para carga e descarga, os paquetes estrangeiros, da Booth Line, da Moore Marck Comarck e de outras emprêsas.

Compreende o flutuante em forma de T — conhecido como "roadway" — a parte acostável destinada a paquetes e a gaiolas, com amplos armazéns, e a parte prêsa à terra. Por aí têm passagem, em larga pista de cimento armado, com jardim ao centro, pedestres e pequenas viaturas (carrinhos de mão). A "cantina", instalada recentemente, na parte acostável, constitui um dos pontos atraentes da cidade, onde as famílias podem dispor de magnífico ambiente para reuniões.

Exatamente na rampa, que acompanha o movimento da subida e descida das águas, reside uma das características originais do "cais flutuante", tão exaltado em prosa e verso na literatura amazônica. E' que, durante a sêca, vale dizer, durante a baixada das águas do Rio Negro, ela se apresenta em declive. Ao revés, por ocasião da cheia, fica em nivelamento com a terra, facilitando assim o percurso de quantos necessitam ir às embarcações atracadas, ou delas sair.

O segundo flutuante é o "Trapiche das Tôrres", servido por grandes guindastes, cabos aéreos, por onde seguem as lingadas de cargas até os armazéns alfandegados, em terra. Tal processo atende melhor aos interêsses do fisco. Nesse trapiche só têm acesso os transatlânticos da Booth Line e de várias outras companhias estrangeiras.

Consoante os cálculos oficiais, o pôrto de Manaus estende-se por uma faixa de 1.013 metros, assim discriminada: "roadway", com 252 metros; as "Tôrres", com 261 metros, e a amurada, com 500 metros.

À entrada do pôrto, à direita de quem sobe o "roadway", ergue-se o edifício da Alfândega, de linhas arquitetônicas ainda aceitáveis, nada obstante construção de há sessenta anos. Ao que asseguram escritores que por aqui andaram, foi o primeiro ou um dos primeiros edifícios pré-fabricados do mundo, graças ao espírito progressista da engenharia inglêsa.

Dos 909 portos espalhados em todo o território nacional — 226 marítimos e 683 fluviais — o de Manaus, classificado entre êstes últimos, ocupa lugar de indiscutível destaque. Cabe-lhe a prioridade, com a criação, em 1852, da "Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas", e é, na opinião do consagrado economista Hadock Lôbo, o principal pôrto fluvial do Brasil.

Ao ínclito estadista amazonense Silvério José da Silva Néri, então à frente dos destinos do Amazonas, coube a honrosa tarefa de haver pleiteado perante o presidente Campos Sales a construção do pôrto. Contra a iniciativa se levantou o então ministro da

Viação e Obras Públicas, sob fundamento de que o Amazonas já dispunha de um, o pôrto de Belém do Pará. . .

Consciente, porém, do papel que lhe reservava o momento histórico, de vexilário de seus coestaduanos, Silvério Néri removeu obstáculos, entendendo-se com o chefe da nação, e logrou alcançar êxito na empreitada a que pôs ombros.

Votada a lei estadual n.º 449, de 8 de outubro de 1900, tornando obrigatório o "beneficiamento", em Manaus, de tôda a borracha procedente do interior, dois anos após, a 7 de outubro, foi lançada a pedra fundamental do futuro pôrto da cidade. Data dêsse ano o início dos trabalhos de engenharia, aos cuidados dos técnicos da "Manáos Harbour Limited" — devidamente autorizada pelo decreto n.º 4.533, de 8 de setembro de 1902 — a que se ligou, como poderoso homem de negócios, o barão de Rymkiewcz.

Construido e inaugurado por entre manifestações de regozijo, o pôrto de Manaus desde logo correspondeu às suas finalidades. Desusado o movimento de seus flutuantes — à época, dos mais completos — com a presença de paquetes inglêses, italianos, portuguêses e alemães. Manaus não só passou a receber mercadorias de grande utilidade para o meio, senão ainda, de torna-viagem, deu vasão a produtos de larga procura nos mercados europeus, como a borracha, a castanha e as madeiras-de-lei.

Dêsse período de esplendor ressoaram até hoje os écos, quer em artigos de primeira necessidade, quer em artigos de moda, amplamente procurados nesta capital. Há, nêsse sentido, honestos depoimentos de conterrâneos e de visitantes.

Duas fases calamitosas experimentou o Amazonas e, com êle, o seu pôrto : na primeira guerra mundial, de 1914-1918, e na segunda, de 1939-1945. Com o litoral do país enxameado de submarinos, assim na primeira como na segunda, os paquetes rarearam em Manaus. Em conseqüência, a praça atravessou uma das crises mais duras de que há memória, com as transações

mercantís sustadas por tempo indeterminado e inteiramente isolada de outras praças. Estrangulamento terrível.

Inimagináveis os prejuízos, quer para o comércio local, quer para o govêrno estadual, sem rendas suficientes para atender aos compromissos. Casas tradicionais, detentoras até então de créditos irrestritos, desapareceram na voragem das falências. Funcionalismo público a mendigar vencimentos, sem conseguir o pleiteado. Sufocadas tôdas as iniciativas.

Terminada a primeira guerra mundial, com a assinatura do Tratado de Versalhes, arrastaram-se ainda por algum tempo os entendimentos das chancelarias. Difícil o interregno de 1920 a 1930, com os produtos regionais sem cotação, os govêrnos sem lastros monetários e as revoluções nas ruas, como recursos inevitáveis.

Logo após à Revolução de 30, que sacudiu o Brasil de norte a sul, houve um surto de prosperidade no Estado. Borracha, castanha e madeira reanimaram tomadas de posição, entusiasmando o interior, que passou a renovar as energias adormecidas durante dez anos.

A linguagem dos governantes deixou de ser pessimista. Mensagens e relatórios aludiam já a uma possível recuperação. De 1935 em diante as classes produtoras adquiriram novas forças. O Estado, por sua vez, melhorou a remuneração de seus funcionários, pagando também pontualmente os fornecedores. Os governantes cuidaram da liquidação da divida decorrente de vencimentos acumulados nos cofres da Fazenda. Vieram os "reajustamentos" e os "abonos" de Natal.

De tal maneira se solidificou essa mentalidade revolucionária, em cada Unidade da Federação, que a eclosão da segunda guerra mundial quase não alterou o ânimo dos amazônidas.

Com estóicismo suportaram todos, no extremo-norte, os impactos tenebrosos do conflito. A queda da França, tão desalentadora para os brasileiros. O ataque a Pearl Harbour, em condições surpreendentes.

Quando aqui chegaram os escalões da Rubber Reserve, a população já os esperava por entre inequívocas demonstrações de solidariedade. Houve um desejo coletivo de colaborar, assim no soturno das selvas — no aceleramento da extração gomífera — como em Manaus, onde os técnicos assentavam os planos do trabalho de produção.

A expectativa geral foi otimista. Todos diziam, sem reservas, que soara a grande oportunidade de ressurgimento da Amazônía. Agora, convocada para o desempenho de papel tão nobilitante, não seria mais posta à margem, mesmo depois que cessassem as atividades bélicas.

Transformada a Amazônía em "front" de indiscutível importância, como área de operações dos "soldados da borracha", Manaus como que se transmudou por encanto. Levas e levas de homens passavam para os seringais, conduzidos em embarcações de todos os tamanhos. Pôrto congestionado de navios de grande calado e gaiolas, todos sèriamente empenhados no esfôrço de guerra da Planície inteira.

Assim decorreram os anos de 1942 a 1945, quando as estações de rádio, estrangeiras e nacionais, anunciaram a rendição incondicional da Alemanha e demais paises satélites. Notícia alvissareira para muitos, é verdade, mas surpreendente para quem, nos centros mais distantes da Hiléia, produzia em condições eficientes. Com a deposição das armas, fechou-se o ciclo de ouro. Cessaram as idas e vindas de embarcações.

Hoje o pôrto de Manaus, recuperado sob os cuidados do Govêrno Federal, está em condições de corresponder às exigências do surto desenvolvimentista por que passa a região.

Com as obras levadas a bom têrmo, mercê da operosa administração de um amazonense, o comandante Aristides Gonçalves Leite, do quadro de engenheiros de nossa Marinha de Guerra, o pôrto de Manaus dentro em breve poderá voltar aos dias de esplendor de ontem, com a presença de centenas de navios, nacionais e estrangeiros, na arrancada decisiva pela redenção da Amazônía Ocidental.

RIO NEGRO

Com a denominação de Guaínia, em Popayan, República da Colômbia — num planalto de 1 360 metros acima do nível do mar — tem origem o Rio Negro. Guaínia é vocábulo oriundo do caraíba, composto de **ng+uá** (aquêle que, cujo). Adauto Fernandes assim deslinda : "É também adjetivo conjuntivo que funciona como sufixo do verbo, que rege. Ex : **ô munhã putare cury o — nheên ceên (ng) uá.** Tradução : "Êle quererá fazer o que prometeu ? **Inia** compõe-se de **i+ ni+ a,** e significa horizonte claro, aberto, planura. Guaínia equivalente, pois, a "os da planura", isto é, os que estão na planura.

Com referência à denominação, sempre persistiu, como elemento dominante, a coloração escura das águas, assim para os habitantes dos primórdios, como para os espanhóis e portuguêses, que foram seus maiores devassadores. Também **Quiári** e **Guaínia** dos aruacos. Quem reconhecerá nesse vocáculo — pergunta Armando Leví Cardoso — através da corruptela **Uaínia** o verdadeiro étimo aruaco do topônimo, que é justamente — **uêni** ? Também era chamado **Curiguacuru** pelos caribes. Vale dizer **Curiuá** (negro) e **Curú** (rio). **Curumã** (água prêta), em seu baixo curso, também pelos caribes, segundo o testemunho de Samuel Fritz. **Uruna** dos Tupinambás. Tais denominações mereceram

a confirmação de cientistas e sertanistas, entre os quais Cristóbal d'Acuña, João Felipe Bettendorff, Ribeiro de Sampaio, Rodrigues Ferreira, Monteiro Baena, Monteiro de Noronha, Dionísio Cerqueira e Leví Cardoso.

Os ameríndios, habitantes da área que mais tarde iria tornase a Amazônia Brasileira, davam ao curso inferior do Negro as denominações de **Quiári** ou **Curuna** (água negra) e ao curso superior a de **Unéia.** Aliás, esta palavra com algumas variantes mais : **Uênia, Ueneja, Unéia, Uaínia** e **Guaínia.** Esta do Cassiquiáre para cima, em território colombiano.

Eis, a propósito, o pronunciamento do Barão de Marajó, em "As Regiões Amazônicas" :

> "Nem sempre êste rio foi conhecido com o nome que hoje tem, o seu primitivo nome foi o de **Quiári** e ainda no ano de 1 775, em que andou neste rio o ouvidor Ribeiro de Sampaio, a parte superior de seu curso era conhecida com o nome de **Unéya".**

Rio Negro, até hoje mantida, é denominação dada pelos espanhóis e conservada pelos portuguêses, que se tornaram os donos da imensa área. Frei Gaspar de Carvajal, servindo de escrivão, regista o descobrimento do rio das Amazonas por Francisco Orellana, em 3 de junho de 1 542, com as seguintes palavras :

> "Nesse mesmo dia, saíndo dali, prosseguindo viagem, vimos uma bôca de outro rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de **rio negro".**

O Rio Negro pode ser dividido em duas partes ideais : o **baixo** e o **alto.** Baixo Rio Negro da foz ao lugar Santa Isabel, ou melhor, à cachoeira de Camanaus, a 788 quilômetros. Aí ainda

se acham outras cachoeiras : Furnas, Curubi, São Gabriel. Alto Rio Negro, onde estão localizadas as cidades de Barcelos — a **Mariuá** legendária — Uaupés e São Gabriel. Mariuá, a primitiva sede da Capitania de São José do Rio Negro (de **Marú**, fruta, e **uá**, doce). Transformada em Barcelos, quando da "lusitanização da Amazônia" — estupendo plano do marquês de Pombal. Hoje, perdida nas entranhas da Planície, vive de seus fastos gloriosos, com os escombros da fortaleza de São Joaquim e a igreja onde pregaram missionários que lá estiveram, entregues à catequese dos Manaus.

O curso do rio segue primeiro em direção leste, inflexionando-se em seguida para o sul, cortando a linha equatorial. Corre novamente para leste, antes de dirigir-se para sudeste, quando então se lança no Amazonas. É de grande largura na foz. Em frente a Manaus, consoante o professor Agnello Bittencourt, acusa uma profundidade de 80 metros, no período das enchentes.

"A bacia superior do Rio Negro, não obstante os degraus que assinalam suas diferenças de altitude, tem ligações com outras bacias vizinhas. É assim que permite passagem para o Orinoco pelo canal Cassiquiáre; por alguns de seus tributários, Uaupés e Içana, para o Japurá. Do curso superior, no apogeu das águas, há franquia, por meio de furos, para Manacapuru, no Solimões".

Eis os principais tributários : pela margem direita, Içana, Uaupés, Curicuriarí, Marié, Unieri Urubaxi, Xicaru, Ariranhã, Baruri, Utamari, Urini, Jaú e Carabinani; pela margem esquerda, Dimité, Cababuri, Maramiá, Demeneri e Branco. Também nêsse trecho recebe alguns cursos secundários : Jauaperi, Apuaú, Cuieiras e Urubu. No Uaupés, além da cidade do mesmo nome, originada de São Gabriel — um forte fundado em 1 698 — está localizada a cidade de Barcelos, já citada. É ainda nesse trecho que se encontram os povoados de Marabitanas, Trindade, Castanheiro, Tomar, Moreira, Moura, Airão e Tauapeçaçu.

É exatamente à margem esquerda do Rio Negro que está implantada, imponente e graciosa, a cidade de Manaus, cuja história constitui um dos motivos de orgulho de quantos nela

vieram ao mundo. Lançada em plena selva, com a primitiva denominação de "Fortaleza da Barra" — positivando a política expansionista de Portugal — há em sua localização um sentido admirável de liderança, com antecipação de meio século.

Evidentemente Manaus, pela sua posição geográfica, em pleno coração da Amazônia, está fadada a ser, dentro de mais vinte anos, o fulcro irradiador das energias do extremo norte, ligada por amplas estradas de rodagem às Repúblicas da Colômbia, Bolívia e Venezuela, e por linhas aéreas e marítimas aos Estados Unidos e Europa, sem submissões de qualquer natureza. Será então, nesse amanhã que vem perto, não a cidade insulada na selva, a que fazem referência observadores apressados ou mal informados, mas o centro civilizado por excelência da grande área, Canaã de patrícios de outras Unidades Federativas e de estrangeiros que venham incorporar-se ao trabalho regional, para que se concretize, em têrmos inteligentes ,o sonho de Alexandre Humboldt.

Há numerosas ilhas, no curso inferior do Rio Negro, que despertaram a atenção de sábios, como Von Spix e Glycon de Paiva. Arquipélago maravilhoso, por exemplo, é o de Anavilhana. Notável também, sobretudo do ponto de vista histórico, antolha-se a ilha de Marapatá, quase no encontro do Negro com o Solimões Consoante o amazonólogo Mavignier de Castro, foi nas proximidades dessa ilha que Ajuricaba, o nume tutelar do Amazonas, preferiu a morte à humilhação. Prêso por denúncia infame, acorrentado para morrer na forca em Belém do Pará, acusado de traição, jogou-se às águas, no soturno de uma noite, encontrando assim a morte em condições heróicas. Naqueles idos, quando o julgamento não se processava com a necessária serenidade, morreu com a pecha de traidor. Hoje, porém, com as sólidas investigações de Joaquim Nabuco, está inteiramente redimido e formando na gloriosa coorte de Jaguanhára, Aimbiré, Araribóia e tantos outros.

Rio pobre em sedimentos, pouco sinuoso e só de trecho encachoeirado no curso superior, também não dispõe de rica ictiofauna,

que contribui, sem dúvida, para o desenvolvimento. Águas impregnadas, segundo cientistas, de ácido úmico, nelas podem ser encontradas numerosas espécies de grande valor, como o tambaqui, o tucunaré, os acarás, e outras.

Dão-lhe os geógrafos uma extensão de 1 550 quilômetros, dos quais 1 360 à disposição do Brasil. Por êle sobem embarcações que servem às cidades pertencentes ao Estado do Amazonas já citadas, bem assim ao Território de Roraima.

Sempre largo e majestoso — ensinam os mestres da geografia hinterlandina — é o Rio Negro plenamente navegável até à cachoeira de Maracabé. Marítimos que prestam serviço à região, de Manaus a Caracaraí, aludem aos perigos de certos trechos encachoeirados, como em Cujubim.

Contam os biógrafos do grande amazonense Bernardo da Silva Ramos um epsódio curioso. Certa feita, ao desobrigar-se êle da entrega de vultosa importância em dinheiro, em Boa Vista, capital do mencionado Território, aconteceu que, ao passar em Cujubim, foi sua embarcação tragada pelas águas em convulsão. Ao chegar à presença do governador, apenas com a roupa do corpo e uma frasqueira, nem assim se livrou da seguinte admoestação :

— Já sei de tudo. O dinheiro desapareceu no seio das águas !

— Nada disso, chefe. O dinheiro está todo nesta frasqueira. Guardei-o por precaução, ao tomar o motor.

E com essa resposta, calma e conclusiva, prestou contas, Bernardo da Silva Ramos, com a honestidade que lhe era habitual, da missão para a qual fôra designado.

RIO MADEIRA

Rio caudaloso, de magníficas tradições na história planiciária, o Madeira forma-se da junção do Mamoré com o Beni. Esta a versão mais recente e autorizada, em virtude do pronunciamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agnello Bittencourt ressalva, todavia, que há autores que também lhe dão como formadores o Mamoré com o Guaporé. Com a primeira versão está Manuel Rodrigues Ferreira, "Nas Selvas Amazônicas", edição de 1965.

A denominação, em plena vigência, provém da aguda escolha dos colonos portuguêses. Fixando melhor, de Francisco de Melo Palheta, quando por êle passou, a serviço das autoridades de além-mar. Contemplando-o, impressionou-se com a excessiva quantidade de tronqueiras que desciam de bubuia, rumo ao Rio-Mar, em consequência das "terras caídas". "Rio das Madeiras" — ou, em face da lei do menor esfôrço atuando na linguagem — "Rio Madeira", pelos séculos em fora, até os dias atuais.

Classificado entre os "rios brancos", de águas barrentas porque atravessam terrenos sedimentares — na sábia observação do professor Aroldo Azevedo — o Madeira acompanha, nesse particular, outros rios da região, tais como o Juruá e o Purus.

Em contraste, por conseguinte, com o Negro, de águas de azeviche, ou com o Tapajós, no Estado do Pará, de águas esmeraldinas.

Alonga-se vertiginoso nas vastas áreas do Território de Rondônia e do Estado do Amazonas, numa extensão de 3 420 quilômetros, consoante o abalizado mestre Agnello Bittencourt.

Compreende dois trechos distintos : **o baixo Madeira,** de foz à cachoeira de Santo Antônio; e o **alto Madeira,** desta para cima até à foz do Beni, ou segundo outros, de Santo Antonio até os manadeiros do Guaporé, ou ainda de Santo Antônio aos confins do Beni.

A largura, na foz, está calculada pelo engenheiro Silva Coutinho em 2 750 metros. Em Santo Antônio, pouco mais de 100 metros.

Com as enchentes periódicas — sobrevindas em todo o imenso labirinto hidrográfico da Planície — o rio alarga-se ainda mais, tragando as margens em condições inexoráveis. Muda-se em autêntica mesopotâmia. Permanecem sobranceiros apenas os barracões, graças aos longos esteios que lhes servem de base. Casuchas de florestários, à ilharga dessas casas-grandes, desaparecem na vertigem das correntes líquidas.

Escoadas as águas, aliviada a calha suntuosa, desnudos os beiradões e expostas as praias alvinitentes, o Madeira como que se renova. Surgem as ilhas verdejantes, em número de trinta e duas, os pedrouços encachoeirados, as margens alcatifadas de flôres silvestres, na pureza de seu aroma. É nêsse período que o rio convida para o trabalho, para o acesso às terras marginais de florestas compactas, em cujas entranhas se encontram os óleos medicinais, as madeiras-de-lei, os frutos saborosos, as héveas e as bertolécias dadivosas, os animais de valor inestimável.

O deslocamento de sua massa líquida varia conforme o lugar por onde passa. Está na razão direta do declive e da largura do canal. Nas primeiras centenas de quilômetros — ensina o professor Agnello Bittencourt — é lento. Regula 1 320 metros por

hora, para elevar-se a 3 500 metros Baetas para cima. A foz acha-se a 30 quilômertos de Manaus.

Quando da presença, no extremo-norte, das primeiras expedições partidas de São Paulo e de Cuiabá — fulcros irradiadores das penetrações hinterlandinas — defrontaram com tribos aguerridas, ciosas da pleniposse do território por elas pervagado. Caripunas, Mundurucus, Araras, Parintintins e Muras. Êstes, exímios canoeiros. Dezenas de outras tribos espalhadas pelo Maici-Mirim, Paca-Nova, Gi-Paraná e Jamarí. Jauaperis, Pacas-Novas, Turas (ou Torás), Uramis e Urupas.

Para êles, para êsses homens bronzeados, o caudal que vinha impetuoso dos altiplanos bolivianos não era o rio das tranqueiras, assim chamado pelos lusitanos. Era o Caiári, ou Caiarí De **cai,** cedro em aruaco, e **ári,** rio. Portanto, rio do cedro.

Encontrou-o assim Pedro Teixeira, em 1 637, a quem coube a missão de verificar, por determinação expressa de seus superiores, em Belém do Pará, se havia, em verdade, a incursão de outros povos. Cristóbal d'Acuña, servindo de escrivão, deixou páginas imperecíveis.

Em 1 650, vindo de Cuiabá, no mais recente estudo sob a responsabilidade de Vitor Azevedo, em opúsculo editado em 1 967, Antônio Raposo Tavares atingiu a região em que dominavam os Chiriguamos. Em seguida, desceu o grande rio, até Belém.

De sertanistas, porém, dois se destacaram na história da Planície: Francisco de Melo Palheta e frei José dos Santos Inocentes.

A expedição de Francisco de Melo Palheta partiu de Belém a 11 de novembro de 1 722, atingindo a primeira cachoeira — a de Santo Antônio — em 22 de junho do ano posterior. Gastou 45 dias para transpor o trecho encachoeirado. Tal expedição, que chegou a Santa Cruz de La Sierra, nada obteve de positivo. A missão de Santo Antônio das Cachoeiras, fundada pouco depois, também se extinguiu melancòlicamente, por insalubridade.

De lances épicos, sem dúvida, a jornada empreendida por frei José dos Santos Inocentes, um dos maiores propugnadores

pela elevação do Amazonas à categoria de Província. Subindo o Madeira, na qualidade de emissário dos "autonomistas", conseguiu alcançar Cuiabá, onde foi detido. Hábil e inteligente, não se deixou surpreender pelos adversários, passando o documento de que era portador a um amigo de confiança. Êste, com as necessárias cautelas, chegou à Côrte, no Rio de Janeiro, e ali se desincumbiu da informação secreta. Enquanto frei José dos Santos Inocentes, processado como subversor, cumpriu a pena que lhe fôra imposta.

São êstes os mais importantes afluentes do Madeira. Pela margem direita, a partir de Santo Antônio : Jamarí, Gi-Paraná ou Machado, Marmelos, Ipixuna, Manicoré, Mariupáua e Aripuanã. Pela margem, esquerda : igarapés do Mirarí, Baetas e Capanã, que atravessam os lagos de iguais nomes, e Araras.

Dois vultos eminentes deixaram os nomes vinculados ao Madeira, como expoentes das nacionalidades a que pertenciam : Teodoro Roosevelt, que chegou à presidência dos Estados Unidos, e o general Cândido Mariano da Silva Rondon. Em homenagem ao primeiro, cuja visita se efetuou em 1 909, à frente de luzida expedição, transformaram o Aripuanã em Roosevelt. Perenizando o segundo, como lídimo defensor do silvícola perante o país, é hoje Rondônia a área em que êle, por largos anos, abriu clareiras, levantou povoados e deu à causa ameríncola um cunho de sensível e nobilitante brasilidade.

Eis o rio tradicional que Anísio Jobim — autor de tantas obras valiosas sôbre a Amazônia — descreveu um dia, impregnado de sortilégios, a ponto de ouvir nos "remansados, nos braços de seus colaterais, nos mistérios de suas matas fechadas e alterosas a alma errante do índio, o tutucar do maracá, o bater da sapupema, o vibrar cadenciado e fantástico do trocano, os ataques da inúbia ardente".

Imensamente opulenta a região banhada pelo Madeira. Flora portentosa, de cujo seio têm saído as espécies vegetais mais vendáveis ,os óleos destinados à medicina. Fauna inesgotável, que enriquece decisivamente o comércio regional, através da

larga exportação de couros e peles. Solo e subsolo que ainda estão quase intactos, nada obstante as esporádicas explorações do ouro e da cassiterite — esta uma das esperanças da libertação econômica do país. Lençóis petrolíferos e reservas de salgema.

Às suas margens, ubertosas e pitorescas, erguem-se os barracões legendários, de onde partiam, resolutos, os escalões para os "centros", destinados à extração do látice das héveas, ou à colheita das castanhas — os produtos exportáveis de maior expressão para o meio. Com êles formavam, igualmente, os apanhadores de droga, os lenhadores e os caçadores, incansáveis no trabalho de soerguimento da economia regional.

Dessa gente heróica, dessa "gente dos seringais", a que alude Álvaro Maia com o entusiasmo de hinterlandino esclarecido — a maior legenda intelectual dentre os filhos daquêles beiradões — é que se povoou o Madeira de foz em fora. Depois, em consequência do "rush" da borracha, que, em poucos anos transformou por completo a vasta área subdesenvolvida, em meio às mais estrepitosas manifestações de regosijo por parte dos homens sequiosos de ouro.

Dois fatôres preponderantes concorreram para êsse movimento populacional de proporções impressionantes : as reiteradas sêcas do Nordeste e a propaganda, que, além-fronteiras, se fazia do leite precioso. Belém e Manaus se tornaram, em defluência de tais fatôres, os alvos preferidos da cobiça, quer de nacionais, quer de estrageiros. Encontro de mentalidades heteróclitas, tentando, porém, colimar os mesmos objetivos.

Daí, dêsse encontro inconsequente, a série de fatos mencionados por Ferreira de Castro, Braga Montenegro, Álvaro Maia e tantos outros escritores. Crimes hediondos em decorrência da falta de mulheres. Ausência de justiça social, num submundo em que só pontificavam os proprietários de seringais, também conhecidos como "coronéis", cujo valor se media pelo número de capangas. Falta absoluta de compreensão ou de solidariedade humana. Regime do "tronco" e do "quarenta e quatro" — as duas grandes realidades das brenhas.

Hoje, porém, com os extensivos avanços da civilização, outras são as perspectivas dos homens que lutam às margens do Caiarí ,tão ligados aos seus primódios. Há uma palpitante confiança na riqueza da área portentosa, da fauna e da flora, das minas de manganês e de carvão de pedra, da industrialização, enfim, dos produtos extraídos. Libertação definitiva, do ponto de vista econômico, em decorrência das estradas que estão sendo abertas.

RIO PURUS

Nasce na serra de Contamana, República do Peru, com o nome de Pucani. Cartografado e descrito por William Chandless, nos idos de 1864, afigura-se modêlo clássico dos rios divagantes, dos rios típicos de erosão lateral, ricos em sedimentos ou detritos.

Consoante o professor Aroldo de Azevedo, também pertence aos "rios brancos", de águas barrentas, que atravessam terrenos sedimentares.

Coube a Euclides da Cunha, no justo e autorizado conceito de Anísio Jobim, a sorte de descobrir-lhe os últimos "olhos dágua".

"O chanceler Barão do Rio Branco comissionou o engenheiro brasileiro para, conjuntamente com delegados bolivianos, aproximar-se o mais possível das nascentes, ou determinar o ponto extremo dêsse curso potâmico. Quase só, esfomeado — escreveu Alberto Rangel — para se antecipar aos estrangeiros, que sorriam, vendo o explorador mal aparelhado à marcha difícil nas vizinhanças da nascente, que se tratava de descobrir, êle encharca aos pés no derradeiro fio dágua nascediço. O grande rio espicha-se nessas alturas num ribeiro parco e triste. Negava flutuação às canoas mais rasas. Ia-se tornando a vala de um charco, a quelha de um vertedouro. Por êle rompe antes de todos o chefe

brasileiro. Mingúa o arroio cada vez mais embaiado na mata funerária e versuda. A curiosidade do engenheiro redobra. Dá-lhe febre a glória de ser o primeiro civilizado na origem da grande torrente amazonense. Avança ainda mais, até que o regato se rechupa no tapete de folhas e raízes úmidas".

"Nas sombras espessas atinge o poeta e matemático a pupila da linfa, cujas lágrimas escassas irroram por três vertentes".

"Vencido o itinerário de 3210 quilometros" que vai da embocadura do Solimões aos últimos manadeiros do ribeirão Pucani, na serrania deprimida e sem nome que separa as maiores bacias hidrográficas da terra" — o comissário brasileiro chega ao derradeiro manancial do longo e vasto tributário".

O nome Purus é de origem quíchua e significa "ornado, enfeitado, florido". É assim denominado pelos nativos o mais soberbo afluente do Amazonas — elucida Adauto Fernandes, tupinólogo de nomeada, jurista de altos abonos e amazônida de boa cepa. "As margens dêsse grande rio são constantemente cobertas de flôres, tanto mais vistosas quanto surpreendentemente fascinantes. De todos os rios da planície amazônica é o Purus o mais belo, e precisamente aquêle que sofre mais considerável influência dos degelos andinos, que lhe ocasionam extraordinárias enchentes. Em maio e junho há **friagens** terríveis, em que a temperatura chega abaixo de zero".

Corre o Purus, a princípio, em leito muito inclinado, produzindo-lhe fortes correntezas, que, nos lugares estreitos, atingem seis milhas por hora. Depois êste declive se vai amenizando até chegar à cachoeira de Huitanaã, limite do trecho em que se costuma dividir o curso do rio em **baixo** e **alto.**

A praticagem da região — diz o professor Agnello Bittencourt — prefere essa divisão em três seções : **o baixo Purus,** que vai da foz até a afluente Tapauá; o **médio Purus,** dêsse ponto à confluência do Mamoriá-Grande; e **o alto Purus,** daí às cabeceiras.

São afluentes do **baixo Purus,** pela margem direita, Ari, Seruim, Metaripuá, Abufarí, Turianã, Acimã, Sepatiní, Ituxí,

Paciã, Umarí, Amaforrã, Mucuim e Jarí; pela margem esquerda, Inauiní, Teuiní, Pauiní, Água-Preta, Mamoriá-Grande, Mamoriá-Pequeno, Tapauá, Abufarí e Aiapuá.

São afluentes do **alto Purus,** pela margem direita, Cavalijani, Huavental, Patos, Manuel Urbano (ou Alto Chamboiaco) Cocamila, Santa Cruz, Rixala, São João, Cataí, Chamboiaco, Chandless, Iaco e Acre (ou Aquiri); pela margem esquerda, Corinja, Maniche, Arraia, Malpaja, Curanja, Santa Rosa, Furo do Juruá, Macapá e Carapanã

Há duas fases distintas na história do grande rio : a mitológica, alusiva às tribos que por êle andavam nas ubás, em busca de víveres, e a do "rush", com as levas de nordestinos à procura principalmente de hévea.

A primeira fase compreende as crônicas referentes aos "curus-curus", corruptela evidente de "purus-purus", ou silvícolas malhados, talvez por efeito da presença da pirarara em sua alimentação. Dêsses e dos "curiquerês", gigantes de dezesseis palmos de altura e mui valentes".

As primeiras tentativas de exploração — segundo Anísio Jobim — foram feitas por João Rodrigues Cametá, diretor dos índios do Purus desde 1 845, antes da inauguração da Província do Amazonas, e Serafim da Silva Salgado, depois. Cametá subiu o rio até Sepatiní, e fundou núcleos populacionais em vários sítios.

Em 1 852 — elucida ainda o insígne amazonólogo — o govêrno de então despachou o prático Serafim da Silva Salgado com o fito de exploração do rio. Seguiu com uma ligeira expedição composta de onze índios e uma dúzia de praças municipais, em duas canoas. Levava Serafim a missão de descobrir uma passagem, pelo Purus, para a Bolívia e Mato-Grosso. Remontou o rio até às malocas dos Comanas, sem contudo determinar a posição geográfica.

Pelos idos de 1 861, com as façanhas pioneiras de Manuel Urbano da Encarnação — legítima expressão do sertanista —

tornaram-se conhecidos os "paumarís", que o ajudaram nas longas excursões até às cabeceiras do extremo caudal, e os "paranás". Revelaram-se mais tarde os "hipurinãs".

Manuel Urbano, nessa longa viagem de reconhecimento, não se limitou a subir o Purus. Foi mais além. Penetrou no Aquiri — o Acre dos dias atuais — e nêle navegou durante vinte dias. Regressou a Manaus após nove meses, com 620 léguas percorridas, mais ou menos.

Depois dos estudos de William Chandless, sem dúvida de enorme significação para a efetiva penetração do Purus, surgiram os "devoradores de distâncias", Caetano Monteiro, Boaventura dos Santos e Leonel Joaquim de Almeida. Percorreram-lhe as margens agrestes, de 1 870 a 1 872, o coronel Antônio Pereira Labre e o engenheiro Alexandre Haag. Data dêsses longevos a fundação da cidade de Lábrea, cujo ponto de referência foi um **papirí.** Logo a seguir, em 1 873, efetuava-se a viagem de dois outros homens de escol, Barrington Brown e William Lidstone. A missão evangelizadora tocou, inicialmente, a frei Pedro de Ciriana, com o apôio do então presidente da Província do Amazonas, Herculano Ferreira Pena.

Daí por diante o povoamento não sofreu mais solução de continuidade. Com tanto ímpeto que em 1858 Francisco Furtado, outro presidente da Província, promoveu o estabelecimento da navegação regular. A essa altura dos acontecimentos se destacou Manuel Urbano da Encarnação como exímio mediador entre naturais e homens civilizados, que desejavam vincular-se ao meio.

A primeira referência ao Purus, com o sentido de manancial, é do padre Cristóbal d'Acuña, neste lanço : "É navegável ainda que em parte com algumas pedras; tem muito pescado, grande quantidade de tartarugas, abundância de maiz e mandioca e todo o necessário para facilitar a sua entrada" .

Tais considerações foram confirmadas, anos mais tarde, com o povoamento dos nordestinos, em face da fartura de suas extensas praias e de seus lagos piscosos, ainda hoje inesgotados.

Contam-se às centenas os seringais antigos e modernos, todos memoráveis pelo papel que desempenharam como trincheiras, em cujas casamatas lutaram os heróis da resistência. Citá-los, um a um, parece tarefa exaustiva. Antes, então, a leitura da própria história acreana, onde êles aparecem irisados pela aura da consagração, quer nos embates em plena Revolução, quer pelos anos em fora, na extração do "ouro negro".

Celeiro admirável, semelhante àquêle de que falou Alexandre Humboldt, o Acre da atualidade, já na pleniposse de suas garantias de Estado autônomo, oferece aos seus habitantes e até para exportar, o feijão, o arroz, o milho, o açucar mascavo, as leguminosas e as verduras, num atestado concludente de que está em condições de sobreviver pelo trabalho.

A história, como se vê, é empolgante, de lances épicos. Desde "**O Acre e seus Heróis**", de Napoleão Ribeiro — "A Conquista Acreana", de Pimentel Gomes, "A Conquista do Deserto Ocidental", de Craveiro Costa, "Plácido de Castro", de Cláudio Araújo Lima — até **"Formação Histórica do Acre"**, de Leandro Tocantins. Em todos êsses livros, escritos com patriotismo, há capítulos que têm a refulgência de coisas perenes.

O rio propiciou, efetivamente, como disse em sentido profético o padre Cristóbal d'Acuña, a "entrada" dos escalões nordestinos rumo aos seringais. Emprêsa ciclópica, que se erigiu na mais empolgante demonstração de heroismo da raça, no início dêste século. Do trabalho árduo na coleta do látex da **hévea brasiliensis** — a árvore prodigiosa dos Cambebas — firmou o seringueiro a consciência de que o solo por êle dominado jamais poderia pertencer a qualquer outro povo.

RIO JURUÁ

Com altitude de 453 metros acima do nível do mar — no cérro das Mercês — nasce com o nome de Paxiúba, cuja extensão é de 29 283 metros aos 10.° 1'32" de latitude sul e 72.° 14'34" de longitude de Greenwich.

Juruá é substantivo masculino de origem quíchua. Segundo Amorim Neto, vem de **yurú,** bôca, **e á** de **ab,** verbo cortar, abrir, etc. Bôca aberta, significa a foz, a embocadura. Consoante Adauto Fernandes, deriva-se de **iurú,** que equivale a bôca, foz, e uá, isto é, espraiada, aberta larga.

É um dos mais famosos afluentes do Rio Amazonas, pela margem direita. Características geográficas opulentas. História de lances profundamente impressionantes. Está incluido entre os "rios brancos" nas recentes obras de Aroldo Azevedo, por atravessarem suas águas terrenos sedimentares. Águas nervosas e barrentas", na pitoresca expressão do poeta. Colhidas num copo, por exemplo, horas depois apresentam cêrca de três dedos de matéria argilosa.

Tem um curso de 3 283 quilômetros. Sua extensão supera à do Purus. É incontestàvelmente um dos maiores rios do planeta — diz o general Belarmino de Mendonça. Há uma disputa do

segundo lugar com o Madeira. Terceiro ou quarto da América do Sul.

Quanto à parte navegável, pode ser dividido em três seções ideais : **baixo, médio** e **alto** Juruá. A primeira seção começa na foz, até Tarauacá, com 1 697 quilômetros. Médio Juruá entre as fozes do Tarauacá e do Breu, com 1 277 quilômetros. Alto Juruá, menos extenso, entre suas nascentes (igarapés Salambô e Paxiúba), não muito longe da bacia do Urubamba, que verte para o Ucaiale.

É considerado o rio mais sinuoso da Amazônia. Rio também dos **sacados,** a propósito dos quais o professor Mário Ypiranga Monteiro, devidamente credenciado pelo INPA, acaba de escrever preciosa monografia.

No que tange à sua largura e à profundidade, há variações sensíveis. Pouco acima da barra, a largura atinge de 150 a 352 metros, antes de alcançar o Tarauacá.

A sua profundidade, no trecho acima citado — segundo o professor Agnello Bittencourt — é de 20 metros, diminuindo à proporção que se aproxima do Tarauacá. Os pontos mais razos ficam compreendidos entre Uruba (cachoeira) e a praia das Pedras, onde o rio estreita, e o canal, na estiagem, fica reduzido a 3 metros de profundidade.

Crônicas de 1 709 calculam em 49 as tribos que por êle viveram, com 98 denominações diferentes. Espalhadas também por outros rios, devido ao nomadismo irrefreável. É que os ameríncolas, até hoje, sabem quais as terras mais ubertosas, os rios e lagos mais piscosos. Deambularam então pelas margens, ou pelos centros, onde podiam assegurar com mais facilidade a subsistência. Selvagens de hábitos e costumes rudimentares, mas de excelente acuidade em tais circunstâncias.

Há quem assevere que o primeiro sertanista a visitá-lo foi Pedro de Ursúa, em companhia da encantadora Inês de Atienza — **pivot** da célebre chacina, em que aparece como principal responsável o sanguinário Lôpo d'Aguirre. Tal versão, porém, já foi contestado por autores de grande nomeada.

A segunda notícia prende-se a Pedro Teixeira, entre os idos de 1 637 a 1 639, quando o famoso expedicionário se avistou com os Curicicuris ou Curacicuris.

O que há de mais importante no Juruá — diz o professor Mário Ypiranga Monteiro — "são os obstáculos com que se tem de haver a navegação ordinária, tanto a de grande como a de pequeno calado, isto é, navios, motores e até montarias A quantidade e diversidade dêsses obstáculos é tão fora do comum, que fatigaria enumerá-los. São torrões, salões, pedrais, muiunas, rebojos, ituranas, panelas, panelões, praias, sacados, jupiás, bancos, ipuêras, baixios, cambões, caldeirões, paus, esqueletos de embarcações, praias de duas cabeças, voltas e mais voltas, uma teoria infernal de perigos e contratempos a evitar, a contornar, a vigiar, a temer, a desafiar".

Daí a longa relação de navios naufragados, apresentada pelo conspícuo geógrafo : "Presidente do Pará", acima de Açaí, a 334 milhas, em 1 896; "Jonas", a montante do lago Uerê, a 392 milhas; "Japurá", a 517 milhas; "Tocantins", na bôca do igarapé do Cobio, a 737 milhas, em 1 900; "Ituxi", na bôca do sacado Mixirire, a 753 milhas, em 1 897; "Augusto Pará", a jusante do barracão São João, a 951 milhas, em 1 896; "Tarauacá", acima de Washington, a 1 133 milhas, em 1 897; "Douro", entre Alegrete e Primavera ,a 1 215 milhas, em 1 900; "Alfredo", no seringal Pixuna ,a 1 275 milhas, em 1 900; "Leopoldo de Bulhões", e "Hermann", na volta do Encarnado, em 1 897; "São Martinho", na praia de Monte Sinai, em 1 914, e "Alagoas", defronte de Águia, em 1 921".

São seus tributários, pela margem direita : Eirú, Gregório, Mu ou Liberdade, Paraná da Arrependida, Riozinho do Leonel, Tejo e Breu. Pela margem esquerda : Igarapé Corumbam, Hudson, Paraná do Pixuna, Môa, Paraná dos Muras, Juruá-Mirim, Paraná do Ouro Prêto, Paraná das Minas e rio Amônea.

Cabe a glória de sua revelação, notadamente como rio das héveas, ao dinâmico perlustrador de sertões Manuel Urbano da Encarnação. Êle é que, em 1 866, conduziu até os confins do

grande rio o famoso cientista William Chandless, que estimou em 980 milhas o seu curso, muito mais sinuoso que o Purus, já por êle percorrido.

Vultosa a quantidade de peixes nêle existentes, notadamente a sardinha, o pacu e o matrinchão. Nos meses de piracema, intensa é a atividade dos pescadores pelas margens. Há do mesmo passo abundância de quelônios — máxime de tracajás, pelos barrancos alcantilados. Tradicionais pela fartura se tornaram suas praias, onde as "virações" se processavam sem fiscalização de qualquer natureza. Hoje, com a proibição das autoridades do Serviço de Caça e Pesca, parece que a abastança de outrora voltará.

Às margens do Juruá estendem-se os "seringais", às centenas, como autênticos centros de produção, responsáveis pela grandeza da região. Como produto principal, até agora plenamente procurado, figura a borracha. Em seguida, podem ser citados os couros e peles, os óleos e essências vegetais, as madeiras de construção, e produtos agrícolas — arroz, feijão e açucar mascavo. Famosas as cascas medicinais. A jarina, de evidente significação para a indústria de botões.

Forte para o trabalho, transformava-se o "brabo" — o chegadiço na Amazônia, quase sempre o nordestino — um hábil extrator do látex, e em cujo mister se transformava, anos mais tarde, num lider incontestado. Ninguém conhecia melhor as "estradas" e as surprêsas da floresta, os "avisos" dos selvagens, ou os cantos dos pássaros. Senhor absoluto nas pontarias do 44 (o rifle Winchester) e nos golpes das madeiras de lei. Afoito, sem êmulos nas caminhadas intérminas pelas matas, transpondo varadouros.

Com o "rush" da borracha, as margens do Juruá passaram a receber as levas redentoras. Encheram-se assim os seringais de contingentes, que se destinavam aos centros. Impressionantes os ângulos, o início dêsse trabalho de pioneirismo, quase improvisado, quer pelo interêsse despertado pelo nôvo produto — o elástico

introduzido na indústria, revolucionando o mercado de artefatos — quer pelo homem tangido pelas sêcas inclementes.

De tal maneira se ligaram à terra, que um dia, quando ecoou de seringal em seringal a notícia da invasão de bolivianos, a reação como que eletrizou a todos, em proporções desusadas. Todos queriam defender, com o sacrifício da própria vida, o solo em que, por anos a fio, verteram o suor da fronte no corte das seringueiras. Homens rústicos transmudados em soldados de coragem leonina. Grandiloqüente a epopéia do homem das áreas do Juruá e do Purus — os dois rios siameses — de onde se ergueram os gigantes da libertação.

Daí o halo de esperança que ainda perpassa, célere, pelas margens do Juruá, agitando essa gente heróica . A borracha está sofrendo, como sabemos, os impactos mais atordoantes. Cultivada a **hévea brasiliensis** em outras Unidades da Federação — na Bahia e em São Pulo — o leite dessa hévea "emigrada", no sul, já está sendo fornecido ao parque industrial paulista. Pressionando fronteiras adentro, a borracha estrangeira oferece vantagens tentadoras. De envolta com todos êsses decessos — ponha-se em linha de conta a "borracha sintética", das fábricas do nordeste e do sul, que estrangula a Amazônia em condições irreversíveis.

Dessa luta sensacional — do **rush** da borracha à sua decadência — permaneceu resistente à erosão da concorrência esmagadora o lastro cultural : barracões bem construídos, usos e costumes apurados, valôres intelectuais que se projetaram em todo o país.

Bem elaborados e emocionantes, na literatura amazônica, os romances do Juruá, reproduzindo fielmente a vida às margens do decantado rio. "Terra Caída", de José Potiguára, é uma jóia de refulgências admiráveis. História dêsses homens que, após tantos sacrifícios — inclusive exigindo transigências inacreditáveis — conseguem adquirir um seringal. Abarrotado êste de mercadorias, eis a tragédia : a terra caída leva-o de roldão, com todos os pertencentes armazenados.

Outro romance atualizado — obedecendo à técnica dos lançamentos de Jorge Amado — em que os personagens surgem sem retoque, inclusive no linguajar agressivo — é "Andirá", de Paulo Jacó. Aventura de jovem arrastado pelas circunstâncias a um dêsses centros de produção, e ali punido miseràvelmente pela castração — em consequência de impensado namôro com a filha de hediondo seringalista. Jogado em tosca jangada, à semelhança do Judas Ashaverus de Euclides da Cunha, vai ter à cidade de Eirunepé, onde recebeu a assistência de pessoas piedosas. Não podendo contrair núpcias, em decorrência do castigo brutal, nem assim arquitetou vingança ou rompeu com o seu grande amor. Um dia, morto o seu algoz — mas antes disso humilhado por falência fragarosa, levado de vencida pela "queda" da borracha — consegue avistar-se com a amada em Manaus, e reata os diálogos amaráveis. Era de vê-los, então, como pombinhos, nos bancos da praça da Matriz, até que as tardes findassem com as babaladas do **Angelus,** talvez relembrando os dias que não lograram viver na exuberância da adolescência !

2.ª PARTE

NAVEGAÇÃO HINTERLANDINA

A navegação no Rio Amazonas e seus principais tributários é feita em paquetes estrangeiros e nacionais, ou em pequenas embarcações conhecidas como "gaiolas". Paquetes entre Belém e Manaus. Pequenas embarcações pertencentes à ENASA — a emprêsa que sucedeu ao SNAPP — ou a "particulares", isto é, comerciantes armadores de Belém e Manaus, com negócios por todo o interior.

Conquistas ambas de grande segnificação para o meio, quer a presença de paquetes, quer a de gaiolas, porque alcançadas com ingentes sacrifícios. De pequenas unidades, em primeiro lugar, subvencionadas pelo Govêrno Imperial, e de navios empregados em viagens transoceânicas, mercê da iniciativa particular, tendo à frente o vulto a todos os títulos venerável de Alexandre de Brito Amorim, ao organizar a "Liverpool Amazon Mail Steam Ship Company".

Dois navios mercantes devem figurar na história da navegação planiciária, como vanguardeiros em sulcarem as águas do Rio-Mar : um de tonelagem média, vindo de Belém do Pará, e outro de grande tonelagem, procedente do Velho Mundo. O primeiro o "Marajó", da Companhia de Navegação e Comércio do

Amazonas, fundada por Mauá, e que aqui aportou em 1 853. O segundo, em 1 874, um veleiro dinamarquês.

Como se vê, a navegação hinterlandina, por meio de navio a vapor, de tipo médio, foi inaugurada três anos após a elevação do Amazonas à categoria de Província, enquanto a presença de navios de grande tonelagem, no pôrto de Manaus, só ocorreu vinte e um anos depois do mencionado ato histórico.

Dêsse período em diante grandes e pequenos navios passaram a fazer o percurso entre Belém e Manaus, a serviço da região, trazendo mercadorias e levando produtos da selva. Borracha em maior quantidade, madeiras-de-lei e castanha.

A Companhia de Mauá alinhou, além do "Marajó", o "Monarca", o "Rio Negro", o "Tapajós", o "Cametá", o "Tabatinga" e o "Solimões". Na viagem inicial entre Belém e Manaus o "Monarca" escalou pelos portos de Breves, Gurupá, Prainha ,Santarém, Óbidos, Vila Bela (Parintins) e Itacoatiara. Outras linhas foram encetadas : entre Belém e Nauta, no Peru; ao Tocantins e ao Rio Negro.

Quando a Manaus chegaram, recém-construídos, em 1 869, os mercantes "Madeira" e Purus", da emprêsa de Alexandre de Brito Amorim — também interessado no desenvolvimento da navegação por meio de tais embarcações — o "Madeira" efetuou três viagens pelo caudal do mesmo nome, em homenagem à população de suas margens. Só depois disso entrou em tráfego regular da "Companhia Fluvial do Alto-Amazonas", constituida em 1 866.

Interessante como se processou, pelos navios a vapor, a "penetração" nos rios mais famosos, tributários do Rio Amazonas. Do Purus,em 1 861, com o "Pirajá", da armada Imperial, sob os cuidados do prático Manuel Urbano da Encarnação. Do Madeira, em 1 869, com o concurso do navio "Madeira". Do Juruá, o último a ser contemplado, pouco antes da fusão das companhias de Mauá e Brito Amarim, em 1 874.

Criadas as duas maiores emprêsas de navegação da hinterlândia — a de Mauá e a de Brito Amarim — enorme surto de

prosperidade se verificou em todo o Estado, assim pelo intercâmbio entre Belém e Manaus, como em razão do entusiasmo despertado entre os donos de seringais, nos altos-rios, já às voltas com a produção gomífera.

Mais intensidade atingiu a navegação hinterlandina com as viagens de paquetes estrangeiros até à capital amazonense. Com a construção do pôrto, sob a responsabilidade de concessionários inglêses, numerosas unidades de grande cabotagem atracaram ao "Flutuante das Tôrres" — da Booth e Lamport — com o "Lanfranc", o "Hilary" e outros. Os alemães "Rio Negro" e "Rio Pardo". Os portuguêses "Dona Amélia" e "Dona Maria". Além de italianos e nacionais da "Companhia Brasileira de Paquetes".

Durante todo o esplendor da borracha, segundo elementos históricos, Pará e Amazonas assistiram a um movimento jamais superado em suas aquavias. Companhias subvencionadas e armadores particulares porfiavam em pôr à disposição dos interessados, em tôda a Amazônia, pequenos navios construídos na Escócia — principalmente em Glasgow — para a condução de mercadorias e produtos regionais.

Foi êsse o tráfego fluvial que entrou em crise com a desvalorização da borracha ,a partir de 1 910, por ausência de planos estatais bem traçados. Rarearam as viagens de paquetes estrangeiros e nacionais. Ficaram "encostados" em "Val-de-Caens", em Belém do Pará, dezenas e dezenas de gaiolas. Outros tantos foram vendidos para o sul. Os que permaneceram nas idas e venidas pelas aquavias lendárias, êsses evitaram o colapso.

Tal situação se agravou mais com o rompimento da primeira conflagração mundial. Cessaram as viagens dos paquetes inglêses, com o bloqueio estabelecido pela Alemanha. Declarada a guerra, por parte do Brasil, nem os paquetes nacionais chegavam a Manaus. A navegação hinterlandina, de âmbito cada vez mais estreito, experimentou dias incríveis de dificuldades.

Voltando o mundo à normalidade, com a assinatura do tratado de Versalhes, a pouco e pouco a Amazônia recobrou as

forças combalidas. Recobrou com alguns navios silenciosos e crivados de cicatrizes. Companhias de navegação germânicas e italianas nunca mais reataram as viagens. Chegaram a Manaus os "antigos alemães" , já incorporados ao Lóide Brasileiro, a título de indenização de guerra.

Desvalorizada a borracha, e relegada a situação lamentável, a luta na Amazônia continuou em busca de mercados. Outros ângulos da economia planiciária preocuparam os homens de negócios. Durante dez anos a resistência dos centros produtores atingiu a momentos difíceis.

De 1 930 em diante ressurtiram as energias. Voltou-se a falar em ressurgimento na Planície, de ponta a ponta. Valorizaram-se os produtos, como a castanha e a balata. As madeiras-de-lei, couros e peles subiram de cotação.

Quando a segunda grande guerra varreu o glôbo terrestre à semelhança de um vendaval, a navegação do extremo-norte adquiriu uma fase promissora. Paquetes inglêses, dinamarquêses, norueguêses e nacionais reanimaram a capital amazonense com artigos de intensa circulação na praça.

Compelido à declaração de beligerância em agôsto de 1 942, o Brasil não pôde evitar as restrições e prejuizos impostos pelas potências totalitárias, com os seus navios mercantes duramente atingidos pelos submarinos.

Transformada em "front" da produção da borracha, por fôrça de compromissos indeclináveis para com as demais nações do Continente — incessantemente pressionadas pela Alemanha — tôda a Amazônia assumiu posição de luta franca, no mesmo pé de igualdade de outras regiões conflagradas do mundo.

Houve, assim, desusada atividade ao longo de todo o Rio Amazonas e seus tributários. Paquetes inglêses ou norte-americanos e pequenas embarcações, entre Belém e Manaus, passaram a suprir as fábricas, que dia e noite produziam para a defesa das democracias. Booth Line e Moore Comarck ocuparam a primeira plana entre os mercantes de longo curso.

SNAPP exibiu uma frota à altura do momento histórico. Anunciada a vitória das Nações Unidas, em condições espetaculares, a Amazônia inteira só depois de várias semanas diminuiu o rítmo de trabalho, nas cidades e no interior, compenetrada de sua missão.

A segunda conflagração mundial deixou lesões irreparáveis na imensa região amazônica. Demasiado brusca a cessação das atividades. Seringais novamente abandonados. Situação econômica alterada em consequência de todo "após guerra". Comércio e indústria às voltas com as contingências do momento.

Contra êsse estado de coisas investiram financistas, aqui e alhures. Contra os acôrdos de Washington, fixados ao calor dos acontecimentos, inclusive de combates em campos europeus. Contra o plano de valorização econômica, em parte fracassado.

A realidade contristadora é que a produção da borracha, no extremo-norte, está em deficiência clamorosa,à míngua de estímulo, enquanto a indústria de artefatos de São Paulo cresce dia a dia. Nem "Heveabrás", nem heveicultura, nos moldes aconselhados pelos técnicos. A borracha importada vai estrangulando inexoràvelmente a produção nacional.

Enquanto semelhante decesso impregna de desalento aos que se esbaldam no setentrião, outras ocorrências saltam à vista do observador imparcial. Por que até agora a agência do Lóide Brasileiro não foi reaberta ? Não se justifica essa fuga após quase cem anos de valiosa colaboração.

Efetivamente, iniciada a Companhia Brasileira de Paquetes, em 1 883, sofreu ela ligeiras interrupções. Em 1 885, por exemplo. Voltou a operar, porém, dêsse ano em diante, graças à inteligente campanha promovida, na capital do Império, pelo ínclito amazonense Torquato Tapajós. Transformada em Lóide Brasileiro, prestou inesquecíveis serviços à população local.

O argumento prevalente, há quatro ou cinco anos passados, da morosidade do trabalho de estiva em consequência da falta de aparelhamento — êsse já desapareceu com a recuperação ùltimamente feita, mercê do zêlo e da capacidade realizadora do engenheiro Aristides Gonçalves Leite.

A PESCA REGIONAL

A pesca em tôda a região, nada obstante as conquistas do homem civilizado, continúa obedecendo a processos empíricos. Entrosamento da experiência do ameríncola com a sagacidade do branco. Do ameríncola, quando lança mão do arco e da flecha, do arpão e da zagáia, do mundé e do timbó. Do branco, ao valer-se da linha comprida e do espinhel, da tarrafa e do arrastão. Êste, não há negar-se, o processo mais eficiente.

Nos idos coloniais, segundo fontes autorizadas, os ancestrais procuravam peixes, graúdos e miúdos, às margens de lagos e paranás, valendo-se dos recursos que a natureza lhes punha ao alcance. Era o arco e a flecha nos lagos e paranás. Era a batição nos igarapés de pouca profundidade, com o cercado vedando a fuga dos cardumes. Era o timbó, veneno que tem a propriedade de tontear o peixe. Êste de papo para o ar, à flor dágua, quase nenhuma resistência faz ao ser apanhado.

Com a presença do branco em tôda a Planície, inclusive nas atividades da pesca, outros processos foram sendo adotados. Com a evolução, pelos séculos em fora, tais processos se integraram à vida da própria hinterlândia, a ponto de se tornarem insubstituíveis, ou de difícil substituição. Em verdade, quem ousa até

hoje arrancar das mãos do pescador amazonense, à proa de uma canoa, o arco e a flecha, ou a haste com que alveja o peixe-boi e o pirarucu ?

Nos lagos e paranás, durante o período das piracemas, só se vêem pescadores com êsses petrechos primitivos ,em canoas adequadas ao mister, vale dizer, de cedro ou itaúba branca, por serem madeiras que flutuam. Montarias leves ou "maneiras" — para usar a linguagem do hinterlandino — que facilitam quanto possível o trabalho da pesca.

Há, naturalmente, os mariscadores dedicados a uma só atividade. Flechadores de tartarugas dos "boiadouros". Arpoadores de pirarucus e peixes-bois, às margens dos estirões. Lançadores de espinhéis e camorins, nos lagos. Tarrafeadores de igarapés — em determinadas regiões — colhendo os peixes miúdos para as necessidades domésticas.

Tais pescarias, claro está, só avultam por por ocasião das "piracemas", quando os cardumes desfilam pelos rios aos milhares, lombos à tona, à semelhança de minúsculos submarinos em exercício. Leve ruído, ou simples voz humana um tanto elevada, basta para que tudo volte ao silêncio, como por encanto.

De maneira que o caboclo, habituado à pesca, tem que ser, antes de tudo um cauteloso. As atividades da pesca exigem olhos de lince para quaisquer sutilezas do ambiente.

Antes, muito antes das excursões pelos lagos e paranás, tem que preparar os instrumentos com que aponha o peixe. Arcos e flechas com jaticá para a tartaruga. Haste com arpão maior para o peixe-boi. Espinhel para o tambaqui e a pirapitinga. Panacarica bem tecida, e embaixo da qual conserva os seus guardados — alguma roupa, o uru e outras miuçalhas.

Nos estirões, ao encalço das tartarugas, às dezenas, espalhados como se procurassem algum inimigo oculto, permanecem os mariscadores horas a fio, à espera dos quelônios. Êstes, agindo pelo instinto, põem a cabeça fora dágua para respirar, com

a precaução de quem está sendo espionado. Estão mesmo, porque nada abstante lépidos, sagazes, o jaticá lhes acerta na carapaça.

Trabalhosa e sempre exigindo muita perícia a pesca da tartaruga. Outras tantas habilidades devem ser empregadas na pesca do pirarucu ou do peixe-boi, ambos de grandes proporções e muita fôrça.

Daí a especialização entre os mariscadores da hinterlândia. Poucos os que se dedicam exclusivamente à tartaruga ou ao peixe-boi. Mais numerosos os que se entregam às pescarias de sardinhas, pacus e outros peixes miúdos.

A contribuição lusitana, na pesca ao longo das aquavias da Amazônia, parece que se adstringiu ao "arrastão" ou rêde grande. A dinamite, conquanto proibida por lei, tem também largo emprêgo. Dá-lhe o vulgo a denominação de "pesca de bomba". Quando o cardume é atingido em cheio, a mortandade assume proporções impressionantes. Dentro de uma hora, se tanto, no local em que a bomba foi atirada, a superfície das águas cobre-se de peixes de "papo para o ar", escabujando como náufragos sem esperança de salvação. Vêm então os pescadores e, de paneiros em punho, colhem os peixes ainda vivos.

O peixe assim dinamitado, embora acondicionado no gêlo, para a venda nos mercadores e feiras, não é muito apreciado pelo povo. Além de ficar com as espinhas dorsais em frangalhos, não se liberta de intenso amargor, em consequência do fel estourado.

Há quem assegure, por outro lado, que o processo dizima a espécie e afasta para muito longe os cardumes. Daí lagos e paranás hoje completamente vazios do precioso alimento.

Outro processo também condenado — por iniciativa, aliás, do próprio ameríndio — é o timbó, a célebre leguminosa que, triturada, constitui meio hábil de apanhar os peixes. Embriagados pela **rotenona** — substância química venenosa — os peixes se deixam apanhar fàcilmente.

A pesca de rêde tem a sagração dos séculos. Praticada pelos próprios apóstolos de Cristo, às margens do lago de Genezaré. Na

Amazônia, deve ter sido introduzida pelos portuguêses. Em Manaus, até 1 930, existiam colônias de pescadores òtimamente organizadas.

Anteriormente às leis de pesca, que só começaram a ser cumpridas depois da Revolução de Outubro, os pòveiros monopolizavam o serviço de abastecimento da capital amazonense. Em canoões, dispondo de excelentes depósitos de gêlo adquirido na Fábrica de Cerveja, percorriam o Solimões e outros rios. De lá traziam o pescado para o consumo público.

Justiça se faça, foi um período de abundância, quando não se ouvia falar em peixe deteriorado, nem em preços exorbitantes. Vigorosos homens de além-mar, de blusões grossos, calças de azulão e bonés de casimira à cabeça. Era de vê-los com que pontualidade serviam à população.

Enriqueceram, sim. Muitos voltaram à terra de bolsos bem fornidos. Ainda hoje devem lá viver alguns, velhinhos, sonhando com as aventuras de ontem.

Mas, no trato com o povo, como criteriosos intermediários, nunca o deixaram sem o alimento essencial, nem exploravam os pobres e os humildes. Não se fazia, nesse tempo, nenhuma alusão ao "mercúrio-crômo", para ilaquear a boa fé pública, nem a outros meios fraudulentos.

Os peixes expostos nos mercados e feiras de Manaus, grandes ou miúdos, provinham de lugares os mais diferentes. Do Solimões na maioria, colhidos de arrastão. De tarrafas e zagáias, quando das proximidades — do Puraquècuára, Varre-Vento e Janauari.

Tempo houve — quando o comandante Melo Pina era o capitão dos Portos do Amazonas e Acre — em que funcionaram as "colônias de pescadores", nos moldes das congêneres do sul. Período em que o povo podia confiar nas autoridades encarregadas do abastecimento. Melo Pina, além das colônias de pescadores, prestigiou as excursões fluviais ao Careiro, em colaboração com a Prefeitura. Inesquecíveis, assim, os domingos ali passados

em ambiente festivo. Casas para o acolhimento das famílias. Animadas danças ao som de afinados conjuntos musicais. A "Tucunaré", da Amazon River, conduzia os excursionistas, em ambiente de absoluto confôrto.

Há, presentemente, um plano em perspectiva. Com a extinção da "Cidade Flutuante", comenta-se agora sôbre o reequipamento de uma frota destinada a passeios fluviais aos domingos, quer pela Baía do Rio Negro, quer às localidades mais próximas, nas quais existem condições de repouso para os habitantes de Manaus e até de turistas.

Está na ordem do dia, portanto, como ponto de recreio dos mais agradáveis, a sede do Município do Careiro. Adaptada convenientemente, como há anos, com unidades residenciais para o veraneio e postos de abastecimento — inclusive uma grande casa destinada a espetáculos, assim tipo "maloca dos Barés" — tudo indica que dentro em breve se tornará aos dias de ontem, em que a população, além de cinemas, balneários e passeios pelas estradas, contava com os magníficos convescotes ao Careiro, alimentando-se com as suculentas frutas de seus pomares, com o leite, a coalhada e o queijo de suas fazendas.

PEIXES SABOROSOS

É quase assombroso, sem exagêro, o número de peixes existentes nos rios nervosos e lendários do Amazonas. Peixes avantajados, médios e pequenos. Peixes de escamas e peixes lisos. Peixes procurados com enorme interêsse e peixes subestimados.

Há, sem dúvida, uma escala de valôres na opulenta fauna ictiológica da região, variando de tamanhos, de côres, com características tão sutis que só os cientistas percebem na admirável delicadeza de suas pesquisas. Para escrever sôbre tal assunto neste capítulo, entretanto, não recorreu o autor aos alentados trabalhos de zoologia, esrangeiros ou nacionais. Preferiu a experiência do hinterlandino, com denominações na linguagem vulgar, e com ensinamentos dos mais compreensíveis.

Daí a citação tri-partida das espécies sem qualquer classificação, encontradiças nos mercados e feiras. No primeiro plano, como peixes dos abastados, o tucunaré, a pescada e o tambaqui À parte, como exótico, o peixe-boi. Em segundo plano, como alimento da classe média, a sardinha, o pacu, o matrinchão, o curimatã e o pirarucu. Êste com grande preponderância, notadamente o de tendal, ou sêco. Em último plano, à disposição da pobreza, o jaraquí, a branquinha, o aracu e os peixes lisos, em número vultoso, desde o dourado ao mandií.

Dos exemplares do primeiro plano destacam-se o tucunaré e o tambaqui, assim denominados pelos nossos ancestrais. Com que senso agiam! Tucunaré é palavra de origem quíchua, (Vicente Tapajós prefere quêchua). Compõe-se de **tucu-nhã-ré** **Tucu,** resistente, forte **Nhã,** casta, família **Ré,** ser ou coisa de que se fala. Tucunaré significa, pois, casta ou família especial. Realmente, peixe de alto conceito nas mesas dos abastados.

Consoante os mestres em ictiologia regional, o Tucunaré pertence à família dos cíclidas e é um dos peixes mais saborosos da imensa bacia amazônica. Dentro em breve, ao que anunciou um órgão da imprensa local, estará sendo exportado em larga escala para o sul, nos modernos paquetes da Netumar.

Na sábia lição dos tupinólogos, Tambaquí provém de **tã — mbá — qui,** ou seja, peixe de escamas duras e graúdas. Muito semelhante ao Tambaquí é a Pirapitinga. **Pirá,** peixe; **pi,** escama, e **tinga,** branca. Logo, peixe de escamas brancas.

Na mesa amazonense o Tambaqui ocupa lugar privilegiado, assim em caldeiradas, com farinha dágua e môlho de pimenta, como assado de fôrno. Moqueado, isto é, assado no braseiro, à distância, até ficar bem sêco, constitui um regalo.

Na arte de moquear, todavia, só os filhos da terra, nascidos ou com larga vivência no interior — detêm até agora o segrêdo. E' que o peixe de moquém deve ser assado em fôgo brando, virando de vez em quando. Demanda tempo e paciência. O peixe moqueado deve ser comido de preferência em caldeirada que só os filhos dos beiradões sabem preparar.

Saboreado com pirão de farinha dágua (e só a farinha dágua serve), com o estimulante môlho de pimenta e cobios esmagados — formando uma pasta amarelada — não tem iguaria que se lhe assemelhe. A ova do Tambaqui assada de fôrno — na opinião de notável turista que por aqui andou — rivaliza com o **caviar** dos russos.

O peixe-boi guizado, ou assado de grelha, satisfaz o paladar mais exigente. Principalmente de grelha, com o indispensável

môlho de pimenta e a farinha dágua. A **mixira** do peixe-boi já alcançou fama além-fronteiras. Acondicionada em latas grandes, devidamente tampadas, tem a duração de seis meses, ou mais. Alimento para ser consumido a pouco e pouco, com arroz e farinha.

Discriminados os peixes dos abastados, porque vendidos a pêso de ouro nos mercados e feiras, eis os peixes da classe média : branquinha, aracu, aruanã, pacu, além do dourado, caparari, jacundá, piramutaba, jandiá, e outros. A pobreza, segundo é voz corrente, começa pelo jaraquí e vai no que estiver ao alcance de seus poucos recursos, na piraíba, na arraia, na traíra e até no peixe-cachorro.

Há quarenta anos passados, nos mercados de Manaus, a presença das autoridades evitava abusos por parte dos peixeiros. Rigoroso o serviço de higiene municipal, transferido depois para o Estado. Até às nove horas, por ordem expressa da administração, o prêço da carne verde e do pescado obedecia a uma tabela. Soada a sineta das nove horas, daí por diante os preços "baixavam", e era a vez da pobreza. Carne de mil e quinhentos réis passava a ser vendida a oitocentos e seiscentos réis. No mesmo rítmo seguia o pescado em geral. Notava-se, com o toque da sineta, por todo o mercado grande da rua dos Barés, uma reanimação. Era o povo acorrendo às bancas de carne e de peixe para comprar mais em conta.

Depois das dez, na seção do peixe, era a vez da **criolina**. O médico sanitarista municipal, á frente de uma turma de auxiliares ia mandando jogar os peixes em pequenos carros. Ao peixe adicionavam a criolina, para inutilizá-lo.Serviço feito lentamente, de propósito, para dar tempo à pobreza de adquirir as cambadas aproveitáveis. Na hora da criolina, costumava dizer o vulgo — era o "salve-se o que puder".

Tal assistência sanitária se estendia à carne, às frutas e aos legumes. Gêneros alimentícios deteriorados não podiam ser expostos à venda.

Jerônimo Ribeiro e Fulgêncio Vidal, médicos do Serviço de Higiene, tornaram-se conceituados zeladores da saúde pública, sem violência de qualquer natureza. Silenciosos, inexoráveis — dignos da estima geral — cumpriam a difícil missão para a qual foram designados.

Felizmente êsse período de austeridade e respeito à saúde do povo está voltando, com certa pontualidade. A atual Secretaria de Saúde, confiada a um sanitarista de nomeada, vem empreendendo ingentes esforços para sobrepor-se à onda de transgressores não só da lei de economia popular, mas ainda do próprio código sanitário do Estado.

Quanto aos vendedores ambulantes de carne e de peixe, também precisam ser disciplinados. Tabuleiros bem feitos, em côres adequadas. Coberturas de telas, evitando a contaminação de insetos reconhecidamente nocivos. Não recomenda bem a presença nas ruas, nem mesmo dos bairros mais distantes, de vendedores maltrapilhos e descalços. Embora se trate de uma classe humilde, seus componentes servem ao público, devem ter boa apresentação. Uniformizados de mescla, ou azulão, com bonés do mesmo tecido, recomendariam melhor. Em outro capítulo vem comentário alusivo às vendedoras de guloseimas nas praças e avenidas da cidade. Mulheres pobres — todos sabemos — mas que estão sujeitas às exigências do código sanitário.

PESCADORES PORTUGUÊSES

A colaboração dos pescadores portuguêses vinha de longe. Do antigo mercado de madeira, anterior ao atual, construído pela "Manáos Market", encampada em 1930 por ato do capitão Floriano da Silva Machado, no exercício interino da Interventoria Federal.

Com a concessão do serviço de abastecimento pela citada Companhia — a cuja frente apareceu, como último representante, um senhor Correia Mendes — passaram os lusitanos a dominar inteiramente. Na "quadra" de carne verde, entregue à firma Marques, Paraguai & Cia. Nos "quartos" de frutas e outros gêneros alimentícios, ocupados pelos remanescentes da colônia. Nas bancas de verduras e legumes. Na "quadra" do peixe, de ponta a ponta.

Como se vê, até 1930, só portuguêses movimentavam a seção do peixe no mercado central, à rua dos Barés, e na venda ambulante, com tabuleiros à cabeça. Contados nos dedos os peixeiros brasileiros. Surgiram os primeiros nos subúrbios, com varas ao ombro, e peixes em "enfiadas" nas extremidades das mesmas.

Dos ambulantes portuguêses, de camisas de saragoça, bonés de casimira e calças de azulão, ficaram os pregões repercutindo por muitos anos pelas ruas de Manaus :

— Peixe ! Tambaqui, pescada, sardinha fresca !

Só vendiam as espécies preferidas pela classe média : o tucunaré, a pescada e a sardinha. Quando êstes rareavam, em determinados meses do ano, anunciavam também o pacu e os acarás. Peixes inferiores, como o jaraqui, não conduziam nos tabuleiros.

No mercado da rua dos Barés, porém, dominavam êles nas bancas vendendo tôdas as espécies colhidas nos arrastões. Aí sim, expunham os peixes de pele — dourados e capararis — e os aracus, matrinchões e curimatãs. Peixe para o povo, sem discriminações de qualquer natureza. Era voz corrente que sabiam cobrar bem o prêço de seu trabalho. Em compensação, inexistiam as contrafações : o mercúrio-cromo nas guelras de peixes já moídos e o "filhote" travestido de pirarucu.

Habituados à vida das margens, em Póvoa de Varzim, de onde muitos procederam, preferiram residir com suas famílias ao longo da praia de São Vicente, em modestas casas de alvenaria. Pelas manhãs entregavam-se aos misteres da venda no mercado. Pelas tardes, nus da cintura para cima, cuidavam dos reparos nos apetrechos de pesca. De agulhas de madeira enormes — próprias para a tessitura das rêdes — iam refazendo as malhas. Ossos do ofício, que êles enterravam com a maior paciência dêste mundo, assobiando alto com a língua travada.

Em latas de querosene colocadas ao fôgo lançavam, para tingir de muruci, as roupas grossas usadas durante a faina das pescarias. Assim, com a tonalidade marrom — ao que se comentava — serviam melhor.

Nessas horas de trabalho brando, à sombra dos beirais ou de árvores amigas — as castanholas por êles plantadas — davam curso a longas palestras, quer em tôrno das viagens pelo interior, quer acêrca da próxima visita à santa terra.

Detentores de vocábulos revessos, intraduzíveis no mais das vêzes pelo vulgo, ainda assim se faziam entender por ocasião das transações, dada a preocupação de bem-servir.

Sim, porque Manaus, há quarenta anos, era uma cidade liderada pela colônia portuguêsa. Patrões e empregados, no comércio, eram portuguêses. Poderosas casas comerciais, lojas, hotéis, restaurantes, tavernas e quitandas, tudo obedecia aos moldes portuguêses.

Aliás Manaus nesses idos — complete-se a observação — vivia entregue a estrangeiros, responsváeis por determinados setores. Italianos como carregadores e engraxates. Sírios em armarinhos, em derredor do mercado, com roupas feitas e miuçalhas, ou mascateando pelas ruas com o **tec-tec** à mão, com que anunciavam as quinquilharias. Portuguêses na estiva do pôrto, nas "catraias", nos bondes da "Tramways" e nos balcões do comércio .Data de 1930, com a vitória da Revolução de Outubro, a lei dos dois terços, a nacionalização dos bancos, a mudança para o vernáculo de denominações de estabelecimentos comerciais. Em vez de "À La Ville de Paris", **À Cidade de Paris;** de "Palais Royal", **Palácio Real,** e assim por diante.

Cresceram financeiramente no trabalho afanoso, mercê da coragem com que souberam enfrentar a luta pela existência. De carregadores e engraxates passaram muitos à gerência de casas comerciais. De vendedores ambulantes, com caixas de pechisbeques, transformaram-se em magnatas.

Um dêsses homens admiráveis, italiano de boa cepa, rico e poderoso, jamais escondeu as aperturas de quando aqui chegou, com um "cruzado" — para usar a sua expressão. Sadio e devotado às suas obrígações habituais, multiplicou êsse cruzado em milhões de cruzeiros nos bancos e em propriedades.

Os portuguêses, nesse particular, não davam as palmas do sucesso a quaisquer outros. Quase todos chegavam a esta terra em modestas condições — e atingiam às culminâncias da vida social.

Comendador J.G. Araújo — um paradígma de trabalho e religiosidade — avultava, sem dúvida, como o **primus inter pares** das classes conservadoras. Segundo elementos informativos trazidos à baila na imprensa local, deu início às suas atividades no interior do Estado, no comércio do regateio.

No exato cumprimento de seus deveres profissionais, iam os pescadores portuguêses ao interior. Tripulavam canoas espaçosas, adrede construidas para o mister. Além da pesada caixa-frigorífico, em que guardavam o peixe, conduziam um equipamento constante de redes ou arrastões e lonas com que cobriam os utensílios. Nessas canoas possantes, de itaúba escolhida a capricho, demandavam às regiões piscosas — de preferência as do Solimões — e de lá retornavam a reboque de gaiolas.

Homens liberais, entrosados com os marítimos da hinterlândia, algumas vêzes se prontificavam a dar o primeiro "lance" em proveito da embarcação que os rebocara. Desatracavam lestos e se dirigiam para o estirão. Ali, a alguns quilômetros do navio sôbre-rodas, procediam à coleta. Em momentos tais, era grande a expectativa de quantos se encontravam a bordo. Rede recolhida e pejada de peixes, motivo de alegria. Rede com raros pontos brancos — vistos de longe — sinal de que não houve sorte.

Quantas vêzes, ao passar o gaiola, já de torna-viagem a Manaus, ouviam todos a bordo a voz distante do pescador, de braços para o alto, empunhando um tambaquí :

— Comandante, o peixe !

Era o aceno mais convidativo para quem vinha dos altos-rios, já de rancho esgotado. Tripulantes e passageiros comendo jabá com feijão todos os dias. Então o navio parava à espera dos seis ou oito homens que remavam a bom remar, em busca da taboa de salvação.

Presenteavam os peixes — alguns tambaquís — porém, em compensação dentro de mais alguns dias ou algumas horas estariam na capital.

Amarrada a canoa à pôpa da embarcação, entravam as palhetas em movimento. Minutos depois, estavam os pescadores

entregues aos ligeiros afazeres. Uns arrumando a caixa em que vinham os peixes conservados no gêlo. Outros cuidando de passar um cafèzinho.

Confôrto, pròpriamente, nenhum. Canoa sem cobertura alguma. Pelos dias em fora, do nascer ao pôr do sol, intensa a atividade. Durante a noite, sem redes ou colchões, sono sôlto ao relento. Nas noites mais frias, os cobertores de lã neutralizavam tudo.

Daí por que, em Manaus, nos mercados e nas ruas, eram fàcilmente identificáveis. Pele tostada e rostos avermelhados, muito diferentes de outros patrícios. A vida que levavam, de curta permanência na cidade e longas viagens pelo interior, lhes ensejava uma fuga também renitente aos cinemas e às festas citadinas.

Em 1930, vitoriosa a Revolução de Outubro, êsses homens foram devolvidos à pátria, com mulheres e filhos. Vedou-se-lhes o livre trânsito nas aquavias. Estava nacionalizada a pesca. A êles aderiram, e seguiram nos mesmos escalões, catraeiros e trabalhadores braçais.

Emocionante no cais da "Manáos Harbour", a despedida aos pòveiros. Abraços efusivos de mistura com lágrimas que deslizavam silenciosas. Choravam os que iam e os que ficavam. Com êles, com os pòveiros das canoas de pesca, desaparecia uma das mais sugestívas tradíções de Manaus do esplendor da borracha.

TARTARUGAS e outros quelônios

Quando se fala em tarturuga, na Amazônia, está subentendida, com prioridade, a espécie **Podocnemis expansa,** a que se refere Alexandre Barbosa Rodrigues em suas pesquisas, ou seja a **iurará** dos primitivos habitantes, também encontrada nas bacias do Orinoco e do Madalena. Dessa mesma espécie **Podocnemis,** disseminada em todo o extremo-norte — consoante Cândido de Melo Leitão — existem mais cinco outras: **arapuçá (Podocnemis lewyana),** iaçá **(Podocnemis sextuberculata** — encontradiça no Solimões, Negro, Branco e Juruá — **cabeçudo (Podocnemis dumeriliana)** — também abundante no Peru e nas Guianas — **tracajá (Podocnemis cayennesis) e terecaí (Podocnemis unifilis)** — tôdas bem menores que a **iurará.**

Além dessas espécies, surgem nos mercados e feiras de Manaus, conquanto ostensivamente rejeitadas pelo povo, o **"jaboti aperema (Geomyda punctularia), matámatá (Chelys fimbriata, cágado (Rhynemis nasuta e Mesolemys gibba) e jaboti machado (Platemys platycephala).** Acentuada popularidade logrou alcançar, dentre os quelônios, a **Muçuã (Cynosternum scorpioides integrum).** Em Belém do Pará os "casquinhos de muçuã" constituem um dos regalos dos visitantes.

Decantadas foram em livros e órgãos da imprensa, em todo o território nacional, as "virações" de tartarugas nas praias, por ocasião da desova. Centenas de pessoas, concentradas, procuravam surpreendê-las às caladas da noite, virando-as em grande quantidade. Enquanto uns se voltavam para êsse trabalho — executado com extrema habilidade — outros procuravam conduzir tais quelônios para as canoas acostadas às margens do tabuleiro. Contam os antigos que o assalto era imensamente lucrativo.

Depois dessa irrefletida devastação da espécie, acontecia uma segunda, decorridos mais de vinte dias, às **tartaruguinhas de cova,** consideradas como verdadeiros pitéus para os que se fartavam nas "caldeiradas", com pirão de farinha dágua e môlho de pimenta.

Releva citar ,a título de curiosidade, que tais tartaruguinhas, além dos assaltos exterminadores durante o período da postura, arrostavam ainda ,ao caírem nágua, com a perseguição dos peixes lisos — dos capararis e dourados, que formavam a farândula da morte, à beira das praias.

Das que escapavam, no segundo extermínio, é que saíam os exemplares destinados aos lagos, nas grandes enchentes, ou aos tapetes de canaranas das margens dos paranás.

Eis, em súmula, a luta que a tartaruga, num sentido geral, vem sustentando desde os primórdios. Quando ela avultava aos milhões, não havia qualquer preocupação. Hoje, porém, em franco declínio da espécie, já está a exigir certo cuidado por parte de quem de direito.

Com efeito, a tartaruga, que era alimento exposto todos os dias à população de Manaus — máxime no mercado grande da rua dos Barés — passou a rarear de vinte anos até aqui, a ponto de só aparecer aos domingos, em algumas bancas, e por preços proibitivos.

Com espanto geral, chegou a custar cem e duzentos cruzeiros novos. Aberta e vendida por "peças" — os quatro quartos, o peito e os miúdos — atingia a soma de todo fora do comum.

Pondo um freio à ganância vulpina dos exploradores do povo, as autoridades do Serviço de Caça e Pesca, dos Elementos de Fronteiras e da Capitania dos Portos do Amazonas e Acre — num movimento de justa proteção — assentaram a proibição da venda de tais quelônios, por muito tempo.

Com a denominação generalizada de "bichos de casco" devem ser envolvidos todos os quelônios, **"Podocnemis"**, sem dúvida os mais procurados, e quaisquer outros tipos inferiores. Há certas distinções, por outro lado, que só os amazônidas podem fazer com acêrto. Do **Podocnemis cayennesis, tracajá** é a fêmea, **anori** o macho. Do **Podocnemis expansa** — mais vulgarizada como **tartaruga,** o macho é o **capitari.** É conhecido sobretudo pelo rabo, mais desenvolvido. Tem a carne mais dura que da fêmea. Caboclo dos beiradões, quando vê capitari nas bancas "com a pinta de tartaruga de lago", não vai na conversa do vendedor. . .

Em complemento a tais considerações convém aludir à "manteiga de tartaruga", que alguns autores do sul teimam em citar como um dos processos ainda em plena vigência na Amazônia. Por incrível que pareça, já se não fabrica a tal manteiga, realmente muito ambicionada nos idos coloniais. É processo de todo em todo extinto, até porque a indústria da manteiga de origem animal ou vegetal está bastante desenvolvida no país.

Ainda a respeito de tal manteiga, preparada vai em quase dois séculos nestas plagas, ninguém melhor esclareceu que o notável amazonólogo Leandro Tocantins, nestas linhas :

> "As autoridades disciplinavam os índios de maneira que êles subissem o Amazonas e o Solimões, o mais tardar em outubro, a fim de colherem as tartarugas até 25 de dezembro, e, em seguida, dedicarem-se ao preparo da manteiga, produto que, de tão necessário, converteu-se em estimável **propina,** recebida pelo Governador, oficiais, soldados, religiosos, juízes. O hábito consagrou-se desde os tempos da comitiva

demarcadora de limites, que estêve no Rio Negro com a missão de reunir-se aos espanhóis e determinar, no terreno, os lindes do Tratado de Madri".

"O abuso das "propinas" de manteiga de tartaruga foi de tal monta que o Governador José Nápoles Telles de Menezes, em carta de 25 de setembro de 1 781, proibiu-as terminantemente, ficando privado de sua parte, uma vez que lhe cabia receber "tôda a manteiga precisa para as luzes domésticas de sua residência". Além dêle, usufruiam igual privilégio os sargentos, com quatro potes cada um, os alferes com seis, os capitães, com doze, os reverendos vigários da cidade com igual número, sendo que o vigário particular tinha direito a mais doze, para a lâmpada da matriz. O ouvidor-geral, o almoxarife, o escrivão de fazenda e o cirurgião da capitania também entravam na lista com doze potes cada um".

Tome-se em consideração o esclarecimento prestado aqui pelo escritor Leandro Tocantins, um dos mais autorizados da atualidade ,e não se continui a propalar que na Amazônia ainda hoje existe o fabrico da "manteiga de tartaruga" — como em recente lançamento de prestigiosa editôra guanabarina. Nem manteiga, "nem banha para cozinha" — conclui o autor de "O Rio Comanda a Vida".

Como a tartaruga é o alimento por excelência do amazonense, convêm mais algumas considerações em tôrno dos pratos que com ela fazem : o **sarapatel,** o cozido, o peito assado de fôrno ou de brasa, o **caldo grôsso** e o **pachiçá.**

O **sarapatel** é feito no próprio casco da tartaruga, com pedaços de carne, fígado e rins. É um dos melhores pratos da região. Não o sarrabulho, como alguns cozinheiros fazem, aproveitando o sangue do animal, mas o caldo suculento, em virtude do emprêgo de certa quantidade de farinha suruí. Tudo isso com duas

murupís. Igualmente irresistível é o "caldo grôsso". Do **pachicá** dizem os "gourmets" que é de se lhe tirar o chapéu.

É também muito apreciado o "peito de fôrno" com o picadinho por cima. Os mestres na arte culinária costumam apresentá-lo ao centro das mesas de banquete revestido de tênue camada de farinha. Já diziam os chineses que o apetite deve ser aguçado com pratos assim, curiosamente ornamentados. De qualquer maneira, assado de fôrno ou assado na brasa, o peito de tartaruga conta com inúmeros apreciadores.

Correm de foz em fora, a propósito de tartaruga, versões as mais desencontradas. Urge combatê-las, inclusive esta, do professor Sérgio Macedo, em "AMAZONAS — **um Rio conta histórias,** lançado em 1 963 :

> "Uma das maiores riquezas do grande rio (Amazonas) é o chamado "boi do caboclo", que nada mais é do que a tartaruga, que atinge nessa parte do país extraordinárias proporções, chegando a medir dois metros de comprimento por sessenta centímetros de largura e alcançando quinhentos quilos de pêso".

Páginas assim, em trabalho de inegável penetração em todo o território nacional, não prejudicam, pròpriamente, mas divulgam coisas da Amazônia que não correspondem à realidade.

A FESTA DOS TABULEIROS

Há quarenta anos, quando ainda se não falava em Serviço de Caça e Pesca, era vêzo, por todo o interior da Amazônia, a "razzia" às tartarugas. Realizava-se durante o verão a festa dos tabuleiros, em que tomavam parte homens e mulheres vindos de todos os sítios, em cada município da hinterlândia.

Às centenas, tomados do mesmo ardor eliminatório, acampavam nas margens arenosas — do Solimões, do Juruá, do Purus e do Japurá — como se estivessem em praça de guerra. Ali esperavam, com a argúcia de assaltantes consumados, a presença dos quelônios, convocados pela natureza para a desova.

Furtivos e silenciosos, escondidos por detrás das oeiranas, ou de paliçadas erguidas com galhos de árvores colhidos a êsmo — tomavam de arremetida a área sitiada. Durava de quatro e seis horas a luta sensacional. Unidos como se pertencessem a um só exército, conseguiam "virar de peito para o ar" centenas de tartarugas. Trabalho bem coordenado. Enquanto uns imobilizavam os bichos de casco, outros passavam a carregá-los para igarités e canoas das margens.

Quando o dia raiava, com o despertar dos pássaros canoros, era intensa a alegria dos aventureiros. Mulheres já às

voltas com as caldeiradas de peixes e com os moquéns. Homens entregues à caça das aves das restingas — inclusive garças e colhereiras, cujas plumagens interessavam vivamente à vaidade das mulheres nos grandes centros civilizados.

Eram as praias, nesses idos, dirigidas por elementos de baraço e cutelo, os "comandantes", quase sempre da escolha de coronéis façanhudos, proprietários de seringais e em realidade danos daquêle mundo de terra. De sua grei saiam também os prefeitos, os componentes das câmaras municipais e os candidatos à deputação estadual.

Verdadeiras bacanais então se verificavam nas praias, durante as "virações". Além das nutrientes tartarugadas regadas a vinho, saboreavam os forasteiros os ovos cozidos de gaivotas e corta-águas. Com que regalo se metiam todos nos petiscos preparados à sombra das árvores, em alguidares, panelas e pratos de barro.

Depois do almôço, farto e saboroso, homens e mulheres, aos grupos, davam expansão ao instinto convulsionado pelo álcool, consagrando a música popular, já a êsse tempo humanizada nas cordas do cavaquinho e do violão.

Ao cair da tarde, com o canto triste das sururinas, a praia voltava ao silêncio, com os grupos já recolhidos aos esconderijos, premunindo-se para outra preagem. Das vinte e duas horas em diante, nenhum rumor, que denunciasse a presença de gente.

Já em plena madrugada, quantos de tocáia esperavam o início da peleja, eis que o capitarí distante, de cabeça fora dágua, à semelhança de um espião, dava assobios convencionais. Consoante velhos mariscadores, depois dêsses sinais, escalava o tabuleiro e traçava os limites da postura.

Horas depois, era iniciado o desembarque silencioso das tartarugas, às dezenas, às centenas — como legítimas combatentes de um exército em operações. Indo e vindo, num revezamento que só visto, cumpriam elas a missão procriatória. Cessada

res. Tais elementos, sôbre escamotearem de tôda maneira, ainda impingiam "cabeçudos" como tartarugas de boa qualidade a pessoas menos avisadas.

Hoje as tartarugas permanecem em recesso nos lagos e estirões, pelo espaço de dez anos. Medida de proteção em boa hora tomada pelas autoridades competentes. Decorrido o prazo estabelecido, já será possível dizer, com elementos indesmentíveis, se a restrição correspondeu à expectativa. Pena que os planos tenham sido menos ambiciosos. Com grandes concentrações em lagos, devidamente preparados para a cultura da espécie, à imitação do que está sendo feito em açudes do Nordeste com o tambaqui, a pescada e o tucunaré.

Os "quebradores" aos domingos — homens exímios na abertura de quelônios, munidos apenas de um machadinho e uma faca americana afiadíssima — não davam conta das "ordens de matança", que chegavam a todo instante.

A venda era feita por peças. Quartos dianteiros e quartos trazeiros. Êstes mais caros do que aquêles, devido ao filé. Peitos com as "duas postas de banha" laterais, os mais cobiçados. Miúdos para os fregueses mais modestos. Cascos jogados fora em carros da Limpeza Pública. Ovos vendidos às dúzias, ou aos centos — à vontade dos interessados.

Sem leis coibitivas nêsse tempo — que os amazonenses denominam com muito chiste "o tempo do já teve" — as tartarugas eram expostas segundo a predileção da coletividade. Grandes, médias e pequenas (de arrastão ou camorim). "Tartaruguinhas de covas", com apenas oito centímetros de tamanho, essas vinham de encomenda, por intermédio de pessoas amigas. Acessíveis tão-sòmente aos abastados.

Havia também, em certos lugares do interior, a indústria da "mixira", isto é, do preparo da carne de tartaruga em latas, geralmente de querosene, devidamente esterilizadas. Tratava-se de carne frita na própria banha da tartaruga, sem outro condimento além do sal, assim mesmo em dose mínima. Assim conservada, à maneira de linguiças que vêm de sul, era alimento para vários meses. Levemente aquentada, com arroz e farinha, nenhum prato regional a supera.

Comedores habituais de tartarugas — e os havia em quantidade respeitável ! — elogiavam mais as de lago e as de certos rios, como, por exemplo, do Japurá.

Com a grande procura e o crescimento da população de ano para ano, as tartarugas foram se tornando raras nas bancas dos mercados e feiras. A valorização, consequente da lei da oferta e da procura — circunstância agravada pelas proibições legais — acentuou-se cada vez mais face à ganância dos atravessado-

OS POMOS DOURADOS

Acossados pelo sofrimento — assim pelas sêcas inclementes, como pela fome dessorante — os nordestinos partiam do torrão natal em levas desordenadas. De nada lhes valia o ânimo combativo, afeito aos duros golpes da adversidade. As doenças minavam-lhes o organismo : a sífilis, a verminose, o tracoma e outras mais. Tabagistas renitentes ou amigos incondicionais da aguardente, viviam quase todos sujeitos às devastações da nicotina e do álcool. Raros os que ofereciam a fisionomia tranqüila de quem goza saúde.

Semelhante quadro clínico agravava-se com a falta de confôrto nos conveses dos gaiolas, onde passageiros de terceira classe eram atirados a êsmo, como as peças negras que, nos idos coloniais, atravessavam o oceano, em porões, procedentes das cubatas africanas. Recrutados na sofreguidão das horas aflitivas, do "salve-se quem puder", em face da morte certa nos sertões estorricados, nem havia tempo para maiores reflexões.

Subindo o Rio Amazonas, já em demanda de Manaus, a viagem transcorria em ambiente de autêntica promiscuidade. Redes armadas umas por cima das outras. Adultos e crianças misturados sem quaisquer preocupações de higiene mental. Em com-

panhia de homens useiros e vezeiros nos palavrões. Resultado inevitável : encontradiços eram os menores de dez a doze anos já plenamente viciados no cigarro, nos tragos de cachaça, no masco e no vocabulário das alfurjas.

Por outro lado, surpreendente e maravilhosa, para êsses nordestinos, antolhava-se a natureza amazônica. Cidades plantadas à margem do "rei dos rios" : Óbidos, Santarém, Parintins, Itacoatiara. Floresta esmagadora, à direita e à esquerda, ao longo do imenso corredor de Breves, por onde obrigatòriamente passam as embarcações. A baía do Rio Negro ,de largura extraordinária — observada, segundo a versão popular — como o maior açude até então visitado. Manaus, enfim, a cidade encantada, com as suas atrações turbilhonantes.

Logo nas primeiras levas, o desembarque dos componentes fôra permitido. Tudo às mil maravilhas. As tentações, todavia, se tornaram avassaladoras. Os bares abertos, os bondes elétricos transitando sempre lotados, as casas de espetáculos convidativas — tudo concorreu, sem dúvida, para que o homem das "caatingas" se perdesse na voragem das diversões.

Evidentemente, ponha-se em relêvo a chegada a Manaus por ocasião do carnaval ou das festas juninas. Do carnaval, com a cidade entregue às estroinices de Mômo e seus súditos. Entrudo nas ruas ou em casas de famílias, despertando o entusiasmo da população. As "cabacinhas coloridas", intensamente utilizadas. A avenida Eduardo Ribeiro regurgitando de gente, com os seus famosos carros alegóricos em desfile e os corêtos com as bandas de música disputando a preferência do público.

Por ocasião dos festejos juninos, não havia forasteiro alheio à animação da cidade. Em volta das fogueiras, crianças em alvorôço, queimando foguetinhos, estrelas e chuveiros de prata. Rapazes e moças divertindo-se com pistolas e buscapés. De vez em quando, um balão subindo silencioso, sob a expectativa de todos. Subirá ? Queimará ? Balões de São João, que afinidade tinham ou têm com o destino humano ! Quantos, jogados às lufadas dos ventos, subiam e em seguida desciam desamparados, envoltos na

fumaça das desilusões. Quantos subiam e desapareciam na voragem das chamas. Quantos subiam, atingiam as culminâncias do céu e deslizavam ,vitoriosos, além, muito além dos limites calculados !

De repente, vinha de longe o baque surdo dos tambores. Cadência de samba ou de candomblé. Vozes, evocando senzalas ou malocas. Mistura de arruidos meio selvagens. Todos se animavam, como que contagiados pela mesma alegria. Era o boi-bumbá que se aproximava, precedido de índios e vaqueiros, senhores do arco e da flecha, ou das laçadas impressionantes. À vanguarda, como autêntico lider, o amo zeloso — indumentária de cetim, chapelão de bandeirante coberto de espelhos e vidrilhos. Pai Francisco e "Catirina" sempre às turras, em companhia de Cazumbá. Boi-bumbá, êste sim, a verdadeira alegria do povo !

Que poderemos dizer da atração das pensões alegres, no período aureo da borracha, espraiando-se pelas ruas Itamaracá, Epaminondas, Joaquim Sarmento, Lôbo d'Almada, Saldanha Marinho (certos trechos), Andradas, e quantas outras. Manaus, naquêles idos, o paraíso das heteras, que das cinco às seis da tarde passeavam em "carros de luxo", em circuito pela Instalação, 10 de Julho, Eduardo Ribeiro e Sete de Setembro.

Penetrando nesse mundo estranho — nessa Manaus de tantas sensações — os filhos das áreas ressequidas como que se sentiam magnetizados por fôrça esmagadora, sem resistência para sairem rumo ao interior. Daí as deserções em larga escala. Trabalheira estafante para a polícia, ainda sem a guarda-civil.

Com a proibição das visitas à urbe tentadora, entre outros motivos porque se tornaram onerosas aos patrões, surgiram os protestos. Deliberação tomada, porém, em têrmos conclusivos. Numa espécie de desafio a êsse expediente, eis que avultaram, no interior dos gaiolas surtos no pôrto, em trânsito para os altos-rios, os vendedores de ilusões — de jóias de plaquê. Anelões faiscantes com pedras de vidro ordinário. Brincos e cordões vistosos, porém falsos.

Homens e mulheres tratados assim, como teleguiados, sem direito de livre trânsito, dentro da própria pátria, só podiam "morrer de contentes" ao chegar aos portos de escala, com permissão de rápidos desembarques. Nada obsante de corda curta, o cambão lhes parecia menos cruel. Era de vêr com que efusão d'alma se faziam tais visitas, notadamente porque iam encontrar conterrâneos — e, quantas vêzes, até parentes — para os diálogos calorosos.

Ótimas quando tais eventualidades coincidiam, Purus acima, ao sopro gostoso das brisas matutinas. Com a vegetação rasteira dos portos e árvores circundantes ainda aljofrados pelo copioso sereno das madrugadas. Agradável, para os passageiros dos gaiolas que atracavam, a presença do pessoal dos "barracões", postos em linha para o serviço de carga e descarga. Em tais oportunidades, êsses contatos com os seringais se erigiam em dádiva preciosa.

Ensejo mais agradável quando o gaiola atracava em "pôrto de lenha", com duas ou três horas de interrupção na viagem. Os "brabos" mais expeditos conseguiam incorporar-se aos marujos no afanoso trabalho. A carga de cada homem, obedecendo a um critério de ordem, era sempre de dez achas. Soava bem aos ouvidos do forasteiro, já tomando parte nas atividades do nôvo meio, o grito do conferente, à entrada do portaló do convés real :

— Um, dois, três, quatro, cinco — **talha !**

Talha, na linguagem dos marujos hinterlandinos, é o cômputo da carga de cinco homens, ou sejam cinquenta achas. Contadas assim, às cinco, às cinqüenta, às quinhentos — com algumas horas de serviço estavam os gaiolas abastecidos de lenha por vários dias.

Com o transcurso dos anos, e à propulsão das conquistas do desenvolvimento, tais "portos de lenha" passaram a ser "postos de abastecimento". Antigos navios foram adaptados para o consumo do óleo dísel, mais conveniente pelo asseio e pela rapidez das viagens.

Atracações à tarde, todavia, à mercê da canícula dos verões amazônicos, enchiam de cuidados os comandantes. Alguns, mais enérgicos, proibiam o desembarque de passageiros de terceira. Os transgressores ficavam nos barrancos, à espera de outra embarcação. Sumárias as ordens emanadas.

Os seringais, nesse período do ano, se transformavam em édens para os recém-chegados. Em tôda a largura de cada um dêles frondejavam as árvores frutíferas. Dominando a paisagem, como as árvores de pomos dourados — as goiabeiras.

As goiabas do Purus, porém, comidas quentes — ao que preveniam os habitantes das margens — constituiam um perigo irremediável. Numerosas as vidas ceifadas, máxime de pessoas recém-vindas. Febres que liqüidavam os pacientes em poucos dias, acompanhadas de vômitos negros.

Pois bem, apesar das advertências, os nordestinos não se atemorizavam com as tardes escaldantes. Já se haviam tornado indomáveis devoradores de distâncias. Na justa observação de Alberto Tôrres, eram os brasileiros que mais emigravam. Dentro da Amazônia deviam de tornar-se os de mais aguçado apetite. Atraídos pelos pomos dourados, evidentemente gostosos, comiam à larga. Escalavam as árvores com incrível rapidez, e não se esbaldavam na colheita. Depois de engolí-los a mais não poder, enchiam sacolas, lenções e bolsos, como se aquêle fôsse o último dia sôbre o orbe. Ao regressar , com as barrigas atulhadas, transpunham os portalós formando a farândula dos saciados.

Verdade é que muitos escapavam ilesos da aventura, entregues nos dias subsequentes aos quefazeres de bordo. Os homens migando tabaco para os cachimbos ou sorvendo pitadas de rapé. As mulheres mastigando alho ou mascando "mapindim".

Quanto aos atacados de febre — vítimas das infecções intestinais — êsses quase sempre morriam de ventres entumescidos. Por falta absoluta de assistêcia médica, naquêles idos tão carentes de profissionais. Embarcações havia, máxime as "particulares", que conduziam ambulâncias sem enfermeiros. Os curiosos surgiam de inopino, dentre passageiros ou tripulantes.

Nessas horas de aflição é que se podia aquilatar a fibra dos homens dos tombadilhos, sempre às voltas com os problemas da vida. Problemas do navio e problemas de seus semelhantes. Maquinistas e mestres transformados em confeccionadores de caixões. Marujos que cavavam sepulturas e enterravam os mortos. Excelentes todos, sem dúvida, como cristãos e verdadeiros amigos nas horas de infortúnio.

O FASCÍNIO DA IARA

(Ficção)

O lago de Iací era um dos mais pitorescos e piscosos. De margens esmeraldinas, circundadas de árvores umbrosas, em cujos galhos macacos e pássaros enchiam de vida as manhãs banhadas de luz. Estranha orquestração na selva, sem regente e sem assistência. Ângulo maravilhoso do Paraíso Verde, onde, de certo, Alberto Rangel não estêve à procura dos inambús e dos mutuns, ou de peixes saborosos.

Em verdade, visto de longe, o lago parecia adrede preparado para uma festa pagã, tal a harmonia, ali, da natureza, desde a vegetação dominante, viçosa e perfumada, até à fauna animal, variegada e atraente. Garças muito alvas ,de longas pernas e plumas cobiçadíssimas nos grandes centros civilizados. Jaburus e socós de passos lentos, à laia de filósofos excogitando teorias. Gaivotas de vôos rasantes à imitação de aviões de guerra em operações. Jaçanãs e maçaricos irrequietos, cuja delicadeza emprestava um sentido edênico à paisagem majestosa.

Do sítio "Restinga", à margem do Badajós, ao lago de Iací, o percurso era feito por um varadouro longo e torcicoloso, onde

habitavam animais os mais diversos — tucanos e papagaios, onças pintadas e maracajás, antas e capivaras, macacos pregos e caiararas — numa profusão de embaraçar caçadores.

Memoráveis as notícias sôbre êsse lago de tantas atrações. Dêle, certa feita, em noite tempestuosa — segundo os varzinos da redondeza — saiu boiúna descomunal. Ao deslocar-se do lago para a margem, que se formava em frente a "Restinga", o monstro encheu de pavor as pessoas ali residentes. Estranhos ruídos durante a noite tôda. Em terra, nas brenhas, onças esturrando de quando em quando. Gritos de corós assustados no morinzal. Entre o escampado da margem oposta ao sítio, numa enseada, cardumes não cessaram de saltar, tangidos pelos jacarés, dourados e capararis. Dominando o ar, quase sufocante, o pitiú da sucurí medonha.

No dia seguinte, pelas casas daquêles beiradões, os comentários só giravam em tôrno da sensacional ocorrência. A expectativa geral era que a boiúna ainda podia retornar, com todo o seu cortejo sinistro.

Dessa mudança da cobra grande havia sido testemunha, entre dezenas de outras pessoas, dona Emerenciana, uma das matronas mais respeitáveis daquelas margens bucólicas. Avêssa às conversas inconsistentes, às narrativas sensacionalistas, o pronunciamento de dona Emerenciana não podia deixar margem a dúvidas.

Aquêle varadouro, sôbre o qual deslizara, durante a noite tempestuosa, a boiúna do Iací, passou a constituir a maior preocupação de quantos ali viviam. Dos que, no período da sêca, precisavam ir até ao lago, em busca de tartarugas e tambaquis.

Morador de "Restinga", sítio próximo de Iací, já acostumado ao seu exotismo, Libânio nêle se abastecia. Viagens de madrugada, ainda de poronga à cabeça, para chegar à margem do lago com o clarear do dia. Sobrava-lhe assim tempo para preparar os espinhéis e os camorins.

Caboclo marupiára, abria no lago três frentes: espinhéis para os tambaquís, camorins para as tartaruguinhas e, mais adiante, haste em punho contra pirarucus, de preferência bodecos. Um pescador de arremessos infalíveis.

Raro o dia em que não trazia o aturá pejado de peixes, grandes e pequenos, e até mesmo caça, quando reservava algumas horas para assediá-la de espingarda. Devorador de bodecos e tartaruguinhas de camorim, assadas na brasa. Processo ensinado pelos ancestrais, quando, às margens dos rios, preparavam êsses quelônios sem a interferência do gôsto apurado dos cariúas.

A sorte de Libânio nas pescarias e caçadas já havia corrido de sítio em sítio, com acréscimos lisonjeiros. Daí o prestígio de que dispunha, quer entre os companheiros, quer entre as jovens casadouras.

Embora de pequena estatura, pele morena e olhos de graúna, era o marupiára um dos alvos das palestras femininas. Pescador assim, no interior, conta com a amizade de todos. Possúi a fôrça magnética dos líderes.

No próprio exercício da pesca, exatamente pela facilidade que tinha de descobrir os melhores pontos de tocáia, o felizardo só flechava tartarugas, desprezando tracajás e iaçás. Só arpoava peixes-bois e pirarucus, subestimando dourados e capararís.

Criado com o arco e a flecha nas mãos, desde os nove anos — por insinuação do pai — alvejando lagartixas e camaleões, Libânio se tornara exímio confeccionador de tais instrumentos. Flechas com penas de araras bem entaniçadas. Arcos admiràvelmente flexíveis. Porretes de paracuuba lixados com paciência, indispensáveis na matança dos peixes grandes, inclusive o tambaqui.

Certo dia, a viagem de Libânio ao lago de Iací se fêz bem cedinho. Lá chegando, a mesma alacridade de macacos e pássaros nas frondes. Guinchos de guaribas, pregos e barrigudos. Gorgeios de japiíns nas árvores mais altas, em promiscuidade

com as cabas tapiús. No lago, por sôbre o tapete verde dos morerus, entramados de vitórias-régias, as garças pernilongas e as jaçanãs assustadiças, bicorando insetos, que enxameavam nas corolas das flôres. Um quadro colorido, de cambiantes indescritíveis.

Como de outras vêzes, deitou o pescador o espinhel. Mais adiante, os camorins à ilharga do matupá. Em seguida, enveredou pelo igapó, à cata de outros peixes. No silêncio, quebrado de momento a momento pelos guinchos dos macacos, ou pelo gorgeio dos pássaros, seu pensamento adejou para Doquinha, a flor mais linda do Badajós, neta do velho Cesário. Pensando na morena, enquanto passava a mão pelos pés cobertos de carapanãs e mutucas, o maior suplício do pescador nos lagos. Com o velho Cesário aprendera os segredos de mariscar. Com Doquinha e as irmãs aperfeiçoara o preparo da mixira de peixe-boi e o tecido das tarrafas. Gente de confiança, de bons ensinamentos cristãos, no seio da qual ficaria tranqüilo, se resolvesse o casório, meio entabolado.

Pensando assim, alheio às ciladas do mundo, eis que o caboclo ouviu uma voz suave de mulher, vinda do fundo das águas, das camadas de morerus e salsas. Nos primeiros momentos, cuidou tratar-se de equívoco, ou que a voz lhe viesse do pensamento fixado em Doquinha. A voz, porém, cada vez mais clara, veludosa e embriagadora. De repente, firmando melhor o olhar num lindo prato de vitória-régia, descobriu — busto emerso das águas — uma linda mulher de sorriso fascinante, cabelos longos e soltos sôbre o colo desnudo. Braços estendidos de quem precisa acolher. Olhos irresistíveis de quem convida para o amor.

Libânio contemplou a mulher por um instante, entre surprêso e magnetizado. Nunca vira semelhante beldade. Caiu-lhe a haste da mão direita, sem pressentir. Afrouxou-se-lhe, como por encanto, o pulso forte, curado com veia de puraqué. Que estaria êle vendo ali, no tapete esmeraldino dos morerus, entre garças e jaçanãs ?

Com os eflúvios da meiga voz, quase se transmudou num autômato. Tôdas as fibras de Libânio se desfizeram, num esmorecer de animal ferido. Quiz atirar-se instintivamente ao seio das águas, em procura da mulher de olhos luciluzentes. Apoderou-se dêle um desejo irreprimível de ir ao encontro daquela deidade de seios tremulantes, apontando com os bicos a amplidão . . .

Quanto tempo passou assim, perturbado ? Impossível dizer. Apenas, ao despertar, meio atônito, já a voz havia desaparecido em meio ao matupá, ornamentado de garças e jaçanãs.

Nesse dia da aparição Libânio regressou mais cêdo ao convívio dos seus. Forte arritmia nas sístoles e diástoles do coração. Temperatura do corpo a elevar-se a pouco e pouco.

Em casa, ao chegar, nada contou, calado e cheio de apreensões. Comeu pouco. De nada adiantou o esmêro da mãe, dona Emerenciana, no preparo do tambaqui moqueado — um dos pratos de sua predileção.

Quando a noite desceu, soturna, Libânio recolheu-se à rêde, ardendo em febre. No delírio, tremendo a valer, palavras desconexas lhe iam saindo dos lábios. Estranho mal, necessitando a presença, quanto antes, do curador Taurino.

A visita do velho vidente não tardou. Na mesma noite, em montaria tripulada por nove homens, partiu a expedição mandada pelo pai do pescador. Enquanto outros companheiros de Libânio se encarregavam de avisar pela vizinhança.

Caboclo Taurino chegou rápido, interessado na recuperação do marupiára. Minutos depois, com as baforadas de tauarí, o velho curandeiro ia chamando com expressões sibilinas os "bichos do fundo", um por um — os bichos que moram no "reino dos encantados", dentro dos grotões, onde os rebojos sibilam às caladas da noite . . .

— "Bua nuite" . . . "Bua nuite" . . .

Eram êles que vinham, os encantados, saudando a quantos se encontravam em tôrno do curador. Ininteligíveis as expressões

por êles usadas. Libânio, na rêde de tucum, de varandas largas, tremia como vara em correnteza. Envolvendo o doente com a fumaça do tauarí e tremulando o maracá, o vidente ia rezando quase em surdina, em linguagem meio embargada na garganta. Que estaria proferindo? Um mistério para os circunstantes. Só êle, emissário do reino dos encantados, podia entender.

De repente o enfêrmo entrou em transe. Gesticulações desordenadas. Obstinado o desejo de ir ao lago, a fim de falar com a mulher de olhos deslumbrantes. Pálpebras cerradas, lábios em preces, o ancião persistiu em sua prática. Ao terminar as orações, frente à vela de carnaúba, ia repetindo os toques no copo dágua, com o maracá indispensável nos trabalhos.

Hora e meia, se tanto, duraram as exortações. Sessão maravilhosa. Tudo a contento. Os irmãos encantados conseguiram a muito custo demover Iara de seus anseios de conquistar. Libânio fôra pôsto a salvo. Iara prometera deixá-lo em paz, embora extremamente interessada em tê-lo a seu lado, lá no reino dos encantados, onde só se ouve a música misteriosa em permanente homenagem à deusa dos lagos . . .

AS CONQUISTAS DO BÔTO

(Ficção)

Naquelas margens do Badajós — quase ao despejar-se êste no Solimões — Valdelírio era um dos caboclos mais marupiáras. Insuperável também na organização de forrós e "festas de santos". Expedito ao percorrer os sítios, em busca de "ajutório" — como êle fazia questão de dizer. Ao convidar os amigos, punha-os à vontade : contribuição ao alcance de todos. Nada de sacrifícios. Dinheiro de contado, só para os donos de latifúndio. Gêneros alimentícios, para os demais. Paneiros de farinha, mantas de peixes, criação de terreiro — tudo o santo aceitava.

Valiam, assim, para as iniciativas, a boa disposição, o espírito de solidariedade, a fé positiva, através de presentes, segundo as íntimas convicções de Valdelírio, em matéria religiosa.

Chegando à casa de José Gravetão — um carapina de mão cheia, responsável pela feitura de quase tôdas as canoas e remos daquêles beiradões — foi logo soltando a língua, dada a intimidade que gozava no seio da família :

— "Vim convidá vancês para umas "pernadas", sábado, na casa de tio Manduca".

Pernada, na linguagem de Valdelírio, era palavra de sentido agradável, sinônimo de dança, ou coisa assemelhada. Bom moço, geralmente estimado o Valdelírio, irmão de duas morenas bonitas, que punham em polvorosa os jovens de outros sítios. Dêsse particular sabia muito bem o marupiára, por todos distinguido como "cunhado".

Feito o convite, e depois de tomar o cafèzinho de **siá** Emília, despediu-se o folião e rumou para o pôrto, a fim de prosseguir viagem. Êle e mais dois companheiros, o Ricardo e o Euzébio, famosos pescadores de pirarucu e peixe-boi.

Na casa de seu Manduca, estiveram em intensa atividade a semana inteira. Confecções de bandeirinhas multicores para a ornamentação interna e externa da casa, inclusive do terreiro na frente. Lavagem do salão de danças, todo de itaúba, e em seguida enceramento com "estearina", consoante a tradição, para que os pares rodopiassem mais lestamente.

No terreiro, varrido que fazia gôsto, a rapaziada ergueu caibros de acariquára com festões e bandeirolas. Arraial que nem de cidade. A azáfama avultando cada vez mais, em meio às constantes gargalhadas dos forasteiros.

Para juizes da festa convidaram o coronel Gaudêncio e a espôsa, proprietários do maior seringal da redondeza, com barracão de negócio à margem do Badajós, sortido de tudo, e pôrto de lenha destinado aos gaiolas particulares. A poucos metros de distância da casa de aviamentos, a residência patriarcal do coronel. Bela construção de madeira, dispondo de salas, quartos e varanda espaçosa, de onde os proprietários, nas horas de lazer, contemplavam o campo esmeraldino coalhado de gado. Em tôrno da mansão, o casebre do capataz, o depósito de material agrícola, o galinheiro e o pôço de tartarugas e peixes miudos, para o abastecimento de emergência.

A festa do mastro, há trinta anos, às margens do Badajós, era uma das mais expressivas tradições. Em forte esteio ornamentado de palha verde, samambaia e fitas coloridas, amarravam os devotos grande quantidade de frutas, das mais deliciosas dos

sítios e da mata. Cachos vermelhos e amarelos de popunhas. Palma de bananas pacovão, pacoví e maçã. Cocos verdes e cachos de açaí. Graviolas, beribás e cupuaçus. Tudo arrumado com mestria, de maneira a aguçar a curiosidade geral.

À noite, com a casa em reboliço, dáva-se início à festa com a ladainha, presentes as principais pessoas das adjacências. Na sala de cerimônias, devotos rezando em côro as orações.

No terreiro, profusamente iluminado a carboreto, os mais astutos se entregavam às palestras em altas vozes, inclusive crianças, umas de colo e outras crescidas, que não podiam permanecer quietas.

Terminada a novena, girândolas de foguetes fendiam o ar, anunciando que, dentro de mais alguns minutos, a rabeca do Isidoro, o cavaquinho do Ricardo e a harmônica do Manuel Cabeleira iam esquentar que nem ferro elétrico. Orquestra modesta de-pau-e-corda, com os instrumentos baqueados pelo uso. Repertório conservado de ouvido, com alguns números, porém, aplaudidos do princípio ao fim.

Do salão de danças já se ouviam os primeiros instrumentos "afinando". Ávidos de movimento, os jovens iam e vinham como borboletas. Entrando a orquestra em cena, com o samba de costume, o arrasta-pé assumiu logo as proporções de um ajurí em marcha. Ninguém ficou sentado, nem "siá" Emília com o José Gravetão. Canhestro mesmo, como peixe fora dágua, só o Manuel Cabeleira, recém-chegado em lancha jangadeira do alto Solimões, possìvelmente de Benjamim Constant Lendo **pro riba** — como dizia o Chico Fulô, inseparável do cachimbo de raiz — Manuel Cabeleira vinha catequizando a pouco pouco aquela gente, explicando aos ignaros o que noticiavam os jornais de Manaus, debaixo das cuieiras, ou desbastando as gaforinhas dos mais cabeludos. Barbeiro amarrado com corda, com três peças apenas : o pente, a tesoura e a velha navalha **dois moleques.**. . . .

Falharam alguns ensaios da orquestra, porque os músicos não tiveram tempo para isso, mas, no entusiasmo dos acordes, tudo ia saindo às mil maravilhas. Cunhãs e rapazes, estimulados

À frente dos companheiros mais decididos — maçaranduba de matar peixe-boi em punho — Valdelírio desceu o pôrto, percorrendo com êles as canoas, uma por uma, vasculhando toldas e panacaricas sem nada encontrar. Estava confirmada a visita do bicho matreiro. Em face do ocorrido cresceram as preocupações. Teria o Bôto feito alguma de suas peraltices ? Difícil a resposta. Difícil mesmo, até pelas morenas com quem êle se divertira a valer durante a noite . . .

O MISTÉRIO POTÂMICO

Os rios da Amazônia têm constituído, dos primórdios aos dias atuais, atração irresistível para exploradores, cientistas e visitantes. "Mar Dulce", de Vicente Pinzón. "Marañon", de Anghiera. "Rio das Amazonas", de Francisco Orellana. Para todos, o assombro, pelo volume dágua, pela quantidade ainda não bem conhecida de seus cardumes, ou pela coloração exótica de suas águas.

Na Amazônia, segundo a assertiva de eminente homem de letras, há um mundo de águas. Águas brancas ou barrentas do Solimões. Águas azuis do Trombetas. Águas esmeraldinas do Tapajós. Águas de nanquim do Negro, em cuja margem esquerda se ergue Manaus, a princesa das selvas.

Numa superfície correspondente a quase dois terços do território pátrio, a bacia hidrográfica é de 6 500 000 quilômetros quadrados de área, dos quais 4 750 000 são nossos. Qualquer dêsses caudais, do principal ao mais modesto, chama a atenção do estudioso por suas peculiaridades inconfundíveis : a vegetação exuberante das margens, a ictiofauna variegada, desafiando a argúcia dos mais experimentados.

Quem os percorrer, no Pará ou no Amazonas, ouvindo os habitantes, recorrendo às pesquisas científicas, chegará a conclusões sempre surpreendentes, porque revestidas de novas cambiantes.

Com referência a cada espécie, já divulgada nos compêndios sôbre o assunto, há pormenores curiosos em tôrno de sua vida. Tipos que dominam pelo tamanho, como autênticos gigantes. Tipos que vivem no mesmo ambiente, minúsculos e quase imperceptíveis, desempenhando um papel na paisagem aquática. Gigantes à semelhança de toros de madeiras — como a cobra grande, ou sucuri — apavoram pelo poder de sua força descomunal. Com o domínio absoluto sôbre os demais habitantes dos lagos e paranás, quando vem à tona, em procura de "ambiára". Dela fazem referência, meio transidos de pavor os legítimos hinterlandinos, dedicados aos misteres da pesca.

É que a cobra grande existe, sim. Não com as proporções de galeras — como assoalham certos mitômanos glebários — mas de trinta a quarenta metros de comprimento, capaz de façanhas extraordinárias. Povoa de preferência os lagos piscosos, onde há fartura de peixes miúdos. Acolitada pelas cobras menores, ao que dizem velhos pescadores — que a antecedem na busca da ambiára — conta sempre com excelente repasto. Tal acontece nos dias ensolarados, ou nas horas de apetite mais aguçado.

Sutil em meio à massa compacta dos morerus, onde jaçanãs andam à solta, a sucurí dos lagos tem o poder de magnetizar a prêsa, inclusive o pescador distraído, a ponto de o tornar sem forças para a menor resistência.

Cobra de tamanho avantajado, com fôrça descomunal, no mais das vêzes ataca o homem de surpresa, usando do poder de imobilizar a vítima.

,Duas versões rigorosamente exatas : fôrça fora do comum, nos ataques traiçoeiros, e fôrça magnética, a ponto de transformar hercúleos pescadores em simples autômatos. Jibóias e

sucurís de laçadas estranguladoras — as primeiras nos meandros das florestas e as segundas nos peraus tenebrosos.

Além dessas duas espécies, realmente curiosas, outras também campeiam pela ferocidade com que atacam qualquer que lhes caia ao alcance, como o jacaré-açu, a piraíba, o bôto vermelho. Jacaré-açu ou jacaré prêto, que enxameia nos lagos e em alguns rios, constituindo um perigo à vida para quantos percorrem as aquavias, na luta pelo pão de cada dia. Quando famintos, atacam as canoas, surpreendem banhistas, estraçalham corpos que porventura encontram nas investidas silenciosas e fulminantes.

Paraíbas de fauces pavorosas e mandíbulas ainda mais ameaçadoras, que assaltam em condições inapeláveis, geralmente não dando tempo para qualquer tentativa de defesa por parte do homem. Dominam nos peraus e nas águas barrentas, seus meios eficientes.

São essas piraíbas acompanhadas pelas piranhas e pelos candirús, os responsáveis pelo aniquilamento em poucas horas de ente humano que venha à flôr dágua, em consequência de afogamento.

Quanto às piranhas — segundo testemunhos insuspeitos — avultam aos milhões em certos lugares da Planície, de dentes como navalhas. Extremamente vorazes, esfrangalham tudo com incrível rapidez.

Citadíssimas, como devoradoras insaciáveis, as piranhas do lago do Arari, no Estado do Pará. De rebanhos que o atravessam em certo período do ano, por inevitável contingência, bem raras são as rezes que chegam à outra margem sem ferimentos graves Crescido, portanto, o número de baixas, em prejuízo dos fazendeiros.

Daí a necessidade, em tais ocasiões, de desviá-las ou aglutiná-las por meio de iscas ou pedaços de carne, até que o rebanho

faça a travessia, e assim mesmo a destruição se processa com grande intensidade.

Aparentemente tranqüilas, nas horas sem alísios, vasta mesopotâmia onde tudo à primeira mirada pode despertar os enlevos do Eldorado descrito pelos cronistas, as águas dos rios da Amazônia — Tocantins e Tapajós, Xingu e Trombetas, Juruá e Purus, Madeira e Negro — se transformam em mundos ignotos, de cujo seio pode sair um peixe-boi saboroso, ou uma piraíba de ataques demolidores.

É nesse particular que entra em ação, com a sensibilidade que ganhou desde o ventre materno, o caboclo de pele bronzeada e cabelos lisos Ninguém como êle, pescando à proa de uma canoa, conhece a natureza, na agrestia de que se reveste.

À imitação dos magos seculares, que sondavam os mistérios do infinito pela posição dos astros, ou pelo vôo dos pássaros, o amazônida verdadeiro desvenda tudo ao sabor de suas íntimas indagações, que só êle sabe usar nas horas de perscrutação. Semeia e colhe segundo as fases da lua. Adivinha a chuva ou tempo adequado para suas atividades pelo movimento das nuvens. A fartura ou escassez pela subida ou descida das águas. Verão intenso, prenúncio certo de prodigiosas semeaduras.

Só o caboclo, nascido e criado nos beiradões, sabe ao certo a presença do pirarucu ou do peixe-boi, da tartaruga ou de qualquer outra espécie. Lugares em que êles podem ser pescados nos diferentes meses do ano. Daí as pescarias dos estirões, as de flechas e arcos, as de espinhel ou camorim, as de batições e de timbó.

Enganam-se os civilizados ao pensarem, na expansão própria das cidades, que o caboclo é um retartado para a percepção do meio ambiente. O caboclo é, em contato com o meio em que está, um sismógrafo de alta sensibilidade, uma bússola de alto poder retificador. Tudo percebe e tudo investiga, quando caminha na mata, quando percorre estirões, quando pesca nos lagos.

Tal como acontece com o homem do mar — dos barcos pesqueiras ou das jangadas, dos couraçados ou dos submarinos — o caboclo da Amazônia vislumbra nas nuvens a aproximação das tempestades, perquire nas águas barrentas ou escuras as espécies nocivas.

Notável por isso o flechador de tartaruga nos lagos e estirões, o arpoador de pirarucu e de peixe-boi, o lançador de espinhel e camorim. Detentor dos segredos das águas, só êle pode ensinar aos civilizados, nos diálogos à sombra dos arvoredos, o que de perigoso existe por ai além, na profundeza dos lagos e paranás.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura